UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Belas Artes

Estruturas invisíveis.
A ocultação e o silenciamento como estratégia de controle no Brasil.

Felipe Argiles Silveira

Dissertação para obtenção do grau de Mestre
Mestrado em Artes Plásticas – Intermédia
Orientador: Professor Doutor Miguel Leal

Porto, 2022



Resumo

O presente trabalho aborda questões ligadas à influência do passado colonial na cultura atual do povo brasileiro, realizando, dentro das artes plásticas, propostas de reflexão sobre pontos específicos desta temática. Para isso, debruço-me sobre a história de formação do país a partir da invasão europeia, apontando os procedimentos, interesses e estratégias dos processos de exploração, os quais tinham por consequência a sujeição massiva de grupos específicos. Mesmo após o fim do massacre colonial, mantem-se a preservação das narrativas e conservação das ideologias dominantes, as quais diluem-se na cultura viva do povo, que, por sua vez, reproduz e sustenta as dinâmicas de exploração, desumanização e apagamento sem perceber suas origens, consequências e implicações. A proposta deste trabalho é a utilização das artes plásticas para dar corpo e forma para algumas destas questões, materializando estruturas, que pela normalização de seus tratamentos, parecem despercebidas e invisíveis. A caracterização destas estruturas é fundamental para refletir criticamente sobre os efeitos do processo do colonialismo e suas heranças sobre a cultura, o imaginário e as relações sociais do povo brasileiro. Este relatório organiza parte dos projetos que foram realizados no decorrer do mestrado em Artes Plásticas - Intermédia, os quais desenvolvi estudos sobre diferentes técnicas artísticas. Compondo os trabalhos selecionados estão os estudos relativos a processos fotográficos históricos, suas possibilidades de aplicações em superfícies variadas, combinações com outras materialidades e possibilidades de interferência; experimentações com áudios e vídeos apropriados, filmados a partir de projeções, através de dispositivos óticos construídos, com o intuito de produzir distorções e degradações nas imagens; elaboração de mecanismos interativos de projeção analógica com a utilização de materiais reciclados e reaproveitamento de óticas; trabalho sobre a instalação multimédia e suas possibilidades de interação, refletindo a respeito da participação ativa entre o público e a obra. Entre as principais linhas teóricas de estudo estão: as práticas de distinção racial, sua origem e seus efeitos na sociedade brasileira atual em diversas esferas, as contradições históricas e estruturais destas relações; o controle sobre a memória e história dos grupos sociais como estratégia de manutenção da dominação; privações impostas a grupos historicamente subalternizados da autonomia de gestão de suas escolhas e decisões.

Palavras-chave: Colonialismo, Dispositivos de controle, Pós-colonial, História, Memória e Artes Plásticas

Abstract

The present study addresses questions related to the influence of the colonial past in the current culture of Brazilian people and entails reflexions on specific matters in this topic in the field of Fine Arts. In this regard, I reflect upon the history of the country's formation from the European invasion, remarking on the procedures, interests, and strategies of the exploitation process, which massively subjected specific groups. Even after the colonial massacre, narratives and dominant ideologies hitherto stay intertwined in the living culture of the people, who, in turn, reproduces and sustains the dynamics of exploitation, dehumanization and erasure without noticing its origins, consequences or implications. The purpose of this work is to use fine arts to give body and shape to some of these matters, materializing structures, which seem invisible and unseen due to the normalizations of their treatments. Characterizing these structures is fundamental for a critical reflexion of the effects of the colonialism process and its heritage for Brazilian people's culture, imaginary, and social relations. This report organizes part of the works I developed throughout the Master's in Fine Arts and Intermedia, comprising various art techniques. Among the selected works are studies related to historical photography processes, their possibilities of application on varied surfaces, combinations with other matters, and interference possibilities; experiments with appropriated audio and video projected and filmed with craft optical devices with the intention of producing distortions and degradations in the images; elaboration of interactive mechanisms of analog projection with the use of recycled materials and lens; work on multimedia installation and its interaction possibilities, which reflects on the active participation of the audience and the work. This study is supported by theoretical framework that includes: racial distinction practices, its origins and effects on current Brazilian society in varied spheres, and the structural, historical contradictions of these relations; control over the social groups' history and memory as a strategy for domination maintenance; and privations of autonomy to manage choices and decisions imposed to historically subjugated groups.

Keywords: Colonialism, Apparatus, Postcolonial, History, Memory, Fine Arts

Sumário

Estruturas Invisíveis.....8

Processos de desumanização.....11
Histórias esquecidas - A chegada dos motores.....12
Formas de um antigo território – Rastros naturais.....22

Manual para fuga.....41
Transformações plásticas: Pressão sobre a matéria.....42
Uma Ilusão.....48

Cultura da distinção.....57
Histórias esquecidas: Engrenagens do sistema.....58
Formas de um antigo território: Heranças imateriais.....66

Os vazios de lá.....77
Histórias esquecidas: Barreiras da memória.....78
Formas de um antigo território: Reconstrução de uma lembrança.....86

Liberdade teórica.....95
Histórias esquecidas: A casa de máquinas.....96
Formas de um antigo território: Paisagens intransponíveis.....104

Bibliografia.....117

Estruturas Invisíveis

No ano de 2007, durante a minha primeira aula de estruturas na faculdade de engenharia agrícola, o professor chamou todos os alunos para olhar pela janela da sala e fez a seguinte pergunta: O que vocês estão vendo lá fora? Um colega respondeu: uma árvore; outro respondeu um cachorro e uma lata de lixo. Galhos, nuvens, concreto, vidros, fios, uma senhora, pássaros eram os elementos que compunham a paisagem que eu podia observar. Depois de longa análise, o professor respondeu: eu vejo estruturas.

Ele estava certo na afirmação, todas as partes visíveis eram compostas por estruturas mais ou menos complexas. A paisagem fluía através da janela, modificava-se no rearranjar dos elementos, todos eles conectados, dispostos espacialmente e aleatoriamente. A folha estava acoplada no galho, que se unia ao caule, o qual era sustentado pelo tronco e raiz. Meus olhos – estruturas oculares – transmitiam os estímulos visuais até à estrutura cerebral, onde a informação era processada, significada e ressignificada. Poderíamos interpretar todo o contexto proposto em uma série de conexões estruturais. Porém, muito além do que se podia perceber visualmente, estávamos imersos em estruturas muito mais complexas e profundas.

Naquela sala de aula com 45 alunos de engenharia tinha apenas um colega negro. Uma faculdade pública de um país onde a maioria da população é negra iria formar 44 engenheiros brancos e 1 engenheiro negro. Qual grupo racial seria responsável pela área da engenharia no Brasil? Durante 5 anos de curso, tivemos aulas com dezenas de professores,

todos brancos em um país onde a maioria da população não é branca. Onde estavam localizados os outros grupos raciais nas atividades de ensino/pesquisa, na elaboração intelectual dos futuros profissionais? Como era possível que um colega branco com plenas condições de se manter economicamente longe de sua cidade natal, onde desfrutava de uma vida muito confortável financeiramente, recebesse bolsa de moradia, alimentação e transporte enquanto outro colega, o qual passava por dificuldades econômicas, tivesse os incentivos recusados.

Todas as relações entre aquelas pessoas compunham um sistema que deveria ser investigado. Os lugares que cada um ocupava na hierarquia estudantil deixava ao lado toda a aleatoriedade presente na paisagem observada pela janela e compunha uma máquina muito bem planejada, pensada e organizada. Estes sistemas davam indícios de suas complexas relações estruturais, porém diluíam-se na aparente normalidade. A questão principal deveria ser: que normalidade é essa? De onde ela teria surgido?

As reflexões da sala de aula foram expandidas para outras esferas do cotidiano. O encadeamento de cada peça da máquina parecia ainda mais planejado, suas posições hierárquicas eram o resultado de um projeto histórico. Seria necessário investigar detalhadamente cada peça constituinte, descobrindo sua origem e suas atribuições naquele contexto social.

As engrenagens foram manipuladas ao longo de centenas de anos através de táticas de ocupação física e mental. Como não se pode apagar uma cicatriz, a estratégia é produzir esquecimento sobre o acidente. A anestesia é a amnésia, um corpo sem memória.

Por todas as ruas daquele lugar, em cada metro quadrado construído era possível observar os sinais de estruturas invisíveis. O silêncio invadia por todas as partes, da praça central às charqueadas. Os construtores da velha cidade do século XVIII haviam sido os antepassados dos que atualmente ocupam a periferia abandonada. Três séculos de trabalho, abuso e exclusão não foram suficientes para se questionar a anormalidade daquele lugar. Os responsáveis por edificar o local não possuem nome, rosto ou voz, muito menos desfrutam do direito de acesso à cidade.

A cultura do silêncio é uma engrenagem central na manutenção da estrutura. Os ruídos cuidadosamente calculados interferem sobre as tentativas de revolta, derrubada da continuidade do sistema. A retirada da voz é estratégica para destituir a capacidade de expressão e elaboração do mundo. O não reconhecimento da humanidade do outro é um dos pilares históricos da origem desta sociedade.

A partir destas pistas alguns caminhos poderiam ser seguidos. Para descobrir as origens destes mecanismos, deve-se olhar para o início da colonização do país, procurando entender como se deram as interações entre os diferentes grupos étnicos que originaram o povo brasileiro. Seria necessário procurar vestígios de uma estrutura arcaica que sustenta as relações sociais, engrenagens históricas, peças-chave, interesses e estratégias dos diferentes grupos.

No estudo desta máquina assustadora, decidi me concentrar em alguns mecanismos centrais responsáveis para o seu funcionamento, seguindo algumas das canalizações e pilares até o centro do sistema. O presente trabalho dirige-se principalmente para estes locais: O processo de colonização no Brasil e os efeitos ainda presentes e perceptíveis da cultura colonial nas relações entre os distintos grupos; as estratégias de se produzir esquecimento para a manutenção de privilégios; quem são os edificadores deste território e quem possui o direito de ocupação do espaço. A pesquisa busca a reflexão sobre uma via de escape, um modo de fuga

do sistema instaurado, uma miragem, ilusão.

O Brasil é o resultado de um desequilíbrio provocado pelo encontro físico entre povos totalmente distintos na forma de se entender e se construir o mundo. A chegada de peças externas foi responsável por desencadear uma série de processos de expansão e de autodestruição. A conquista do novo território, o qual era fundamental para os interesses econômicos portugueses de expandir seus limites físicos, produz uma máquina autodestrutiva.

O Brasil é construído sob ideia de se autodestruir, baseando-se na eliminação de seu povo originário e de seus recursos naturais, uma terra sem dono, sem leis, sem direitos e vazia de humanidade. Estes pilares sustentam as estruturas invisíveis presentes no Brasil até os dias de hoje, onde os processos de desumanização se mantêm de forma velada, apenas uma parcela da população tem o direito de ser reconhecida como ser humano; um local onde ocorre a exploração desmedida de recursos humanos e naturais; onde parte da população não possui direitos básicos para uma vida digna.

A desconstrução das dinâmicas históricas de violência e opressão geradas pelo colonialismo passa primeiramente pela sua visualização e reconhecimento. O processo de materialização, criação de um corpo para uma estrutura aparentemente invisível é fundamental para sua discussão. A manutenção destas relações é realizada na cultura da negação do problema, a não caracterização das questões é peça chave para sua permanência. Entre os milhares de exemplos que podemos verificar essas colocações, trago a frase do atual vice-presidente da República, o general da reserva do Exército Brasileiro, Antônio Hamilton Martins Mourão (2020), o qual declarou em entrevista para o Jornal Globo: “Pra mim no Brasil não existe racismo, isso é uma coisa que querem importar aqui pro Brasil, isso não existe aqui”.

Para concluir esta breve introdução, proponho pensar o Brasil a partir de duas posições. A primeira de uma colega portuguesa que durante uma disciplina do mestrado de Ciências de Educação, quando os alunos propuseram uma reflexão sobre as heranças deixadas pelo sistema colonial no território brasileiro, argumentou: “Eu tenho a impressão de que vocês brasileiros estão muito presos ao passado”. Esta colocação além de ser extremamente simbólica representa o que uma parcela favorecida de brasileiros acredita. Como exemplo, o milionário apresentador de televisão Luciano Huck, o qual foi cogitado como uma possível alternativa para a presidência da república, está de acordo com este pensamento: “Eu só estou vendo narrativas e discursos que apontam muito para o Brasil do passado, que veem o país pelo retrovisor com muita dificuldade de olhar para frente. Não adianta pensar com a cabeça do século passado.” Argumentou em vídeo compartilhado nas redes sociais. A realidade é que manter o passado escondido é uma estratégia para não se reviver conflitos, habituando-se sobre a falsa sensação de que os problemas do Brasil são todos de caráter individual e político, não percebendo a influência da preservação da cultura colonial nas mais distintas esferas da vida, fato que gerencia as relações de grupos sociais até a atualidade. A segunda posição é de Ailton Krenak, no episódio 1 do documentário “Guerras do Brasil.Doc”. Krenak fala para o repórter: “Eu não sei por que você está com essa cara tão simpática. Nós estamos em guerra. O meu mundo e o seu mundo tão em guerra.” O Brasil é o resultado de 522 anos de guerra. É essencial que possamos visualizar as estruturas que mantêm o conflito permanente no Brasil para a desconstrução de suas engrenagens e mecanismos.

Processos de desumanização

Histórias esquecidas:
A chegada dos motores.

Choque inicial entre dois mundos completamente opostos, o silêncio e a dificuldade de comunicação. Intensões totalmente divergentes, buscar a riqueza inalcançável ou desfrutar da totalidade presente. O silêncio invadia dois planos de vida, distintas em organização e materialidade. Os dois silêncios eram humanos quando observado de um dos lados, do outro, o vazio. A solidão de estar em terras desconhecidas, vazias de humanidade. O motor era a fortuna, ilusão... Os peças e baterias eram os braços daquela sub-raça.

O contexto social atual brasileiro é marcado por dinâmicas que se originaram com a chegada dos europeus no território americano. As caravelas traziam peças e motores para a instalação de um conflito que perduraria até nossos dias. Desembarque marcado pelo desencontro e estranheza entre culturas diametralmente opostas. De imediato, os recém-chegados perceberam o potencial econômico da descoberta, atentando para a necessidade de força humana de trabalho buscando viabilizar a exploração do território. A organização social dos povos locais se dava de forma muito distinta dos invasores, estruturando-se de forma independente e autônoma entre as diversas comunidades as quais não eram estratificadas em classes. Em contrapartida os invasores traziam em sua bagagem um modelo de organização baseado na distinção entre os seres humanos. Neste contexto de divergências se instalou no novo território as bases de uma estranha estrutura, a qual era planejada e coordenada na cidade de Lisboa.

Nas fundações do projeto de dominação estava a instituição religiosa católica, a qual impunha suas crenças e valores sobre o novo território, sempre atenta para salvar as almas dos selvagens que ali habitavam. Como refere Ribeiro:

> Outro coordenador poderosíssimo era a Igreja católica, com seu braço repressivo, o Santo Ofício. Ouvindo denúncias e calúnias na busca de heresias e bestialidades, julgava, condenava, encarcerava e até queimava vivos os mais ousados. Nem aí, na vastidão desses imensos poderios, terminava a estrutura civilizatória que se impunha sobre o Brasil nascente. Ela era um conglomerado interativo de entidades equivalentes em ativa competição, às vezes cruentas umas contra as outras. (1995, p. 88)

De fato, para os invasores, a nova terra estava vazia de humanidade, justificando-se a imposição da religião católica através da catequização a qual objetivava a salvação dos nativos. A sobreposição cultural cristã acabaria apagando de forma sistemática os costumes e tradições indígenas. O empreendimento jesuíta resultava por destruir pontos fundamentais da cultura local, como por exemplo as atividades laborais nas lavouras, os modos de organização sociais e as línguas nativas. Destruir a cultura e aniquilar a identidade local era o objetivo maior destas ações, o êxito do empreendimento resultava em um maior número de servos para combater outros grupos indígenas e um maior número de trabalhadores para lhes servir. A conversão cultural dos indígenas atendia a um projeto bem estruturado de dominação e exploração. Deste modo os invasores contariam com força humana de trabalho além de fortalecer as defesas militares para combater possíveis ataques.

A estranheza sobre a cultura indígenas desencadeou os primeiros processos de desumanização, a destituição das características humanas dos povos nativos foi um dos combustíveis que alimentou os motores da exploração no princípio do Brasil. É possível verificar as dinâmicas de desumanização através de documentos históricos, onde se pode observar a forma como os indígenas eram vistos e tratados. Em "Memorias historicas, e Politicas da Provincia da Bahia" escrito em 1836 por Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, encontramos o relato do jesuíta Manuel da Nóbrega, referindo-se ao bispo Pedro Fernandes Sardinha e sua visão sobre os nativos. Diz ele:

> Trouxe Nosso Senhor o bispo D. Pedro Fernandes, tal e tão virtuoso, qual o Vm. conheceo, e mui zeloso da reformação dos costumes dos christãos , mas quanto ao gentio , e sua salvação , se dava pouco , porque não se tinha por seo bispo, e elles lhes parecião incapazes de toda a doutrina por sua bruteza, e bestialidade, nem os tinha por ovelhas do seo curral , nem que Jesus-Christo Nosso Senhor se dignaria de os ter por taes; [...] (Nobrega apud Silva, p. 212)

Para além dos povos nativos, a necessidade da complementação da força de trabalho humano dentro do empreendimento colonial resultou no deslocamento forçado de milhões de pessoas da África para o Brasil. Estudos apontam para o número de até 15 milhões de pessoas transportadas para o trabalho escravo em território brasileiro. Os africanos escravizados também estavam sujeitos às dinâmicas desumanizadoras. Para além do deslocamento forçado de suas terras, dos abusos físicos e psicológicos, os colonizadores desenvolveram práticas para a destruição cultural. Os povos negros, por serem originários de diversos territórios africanos,

não possuíam unidade linguístico-cultural e assim não preservavam seus costumes e identidades, visto haver no Brasil colônia a política de não manter juntas pessoas oriundas da mesma etnia, dificultando a manutenção da cultura viva.

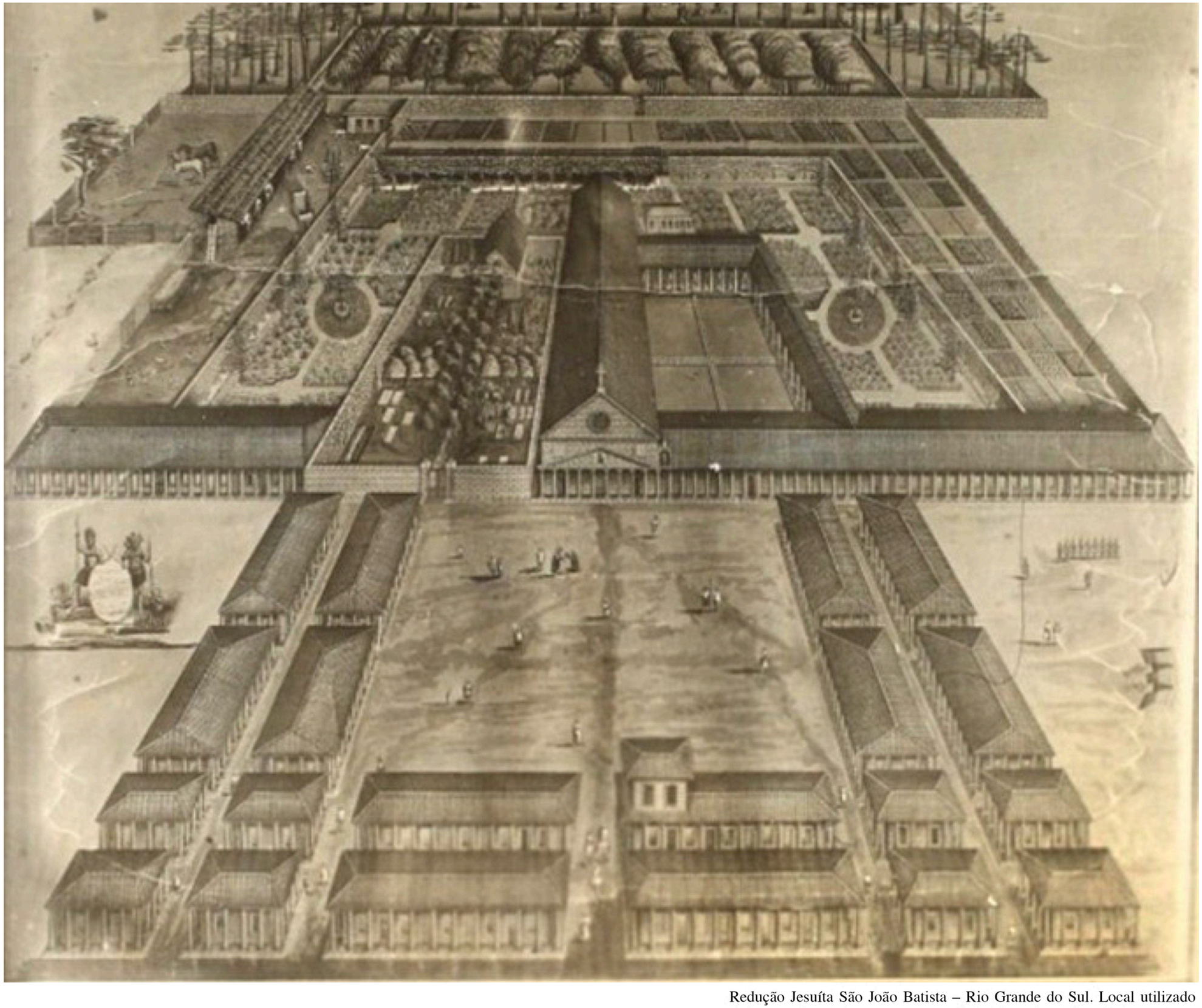
O trabalho era exaustivo, 18 horas diárias durante todos os dias do ano. A rotina desgastante testava ao extremo a resistência do corpo, quando chegava ao limite da exaustão era substituído por outro, corpo novo pronto para ser gasto. A história do Brasil é marcada pela relação entre a busca da prosperidade, fortuna e a luta por diretos básicos à vida, a relação conflituosa de interesses é estrutural e estruturante das relações sociais entre os diferentes grupos.

O impacto da chegada dos invasores no território americano, transformou radicalmente a Europa, permitindo a uma parcela da burguesia, os quais detinham seus negócios ligados a colônia, um acúmulo de capital sem precedentes. A chegada dos motores exploratórios desencadeou uma série de processos de transformação, o potencial energético, territorial e humano, era convertido em outras formas de riqueza. Duzentos anos antes dos primeiros motores a vapor, as relações entre maquinários e produção eram totalmente diferentes, as conexões, rodas, eixos, lubrificantes e engrenagens eram feitas com peças animais e humanas. Conversões de movimentos de braços e pernas em estruturas rotativas, acionamentos de engrenagens com o peso de corpos, movimentação de grandes volumes de terra, execução de tarefas de precisão, plantios, colheitas, mineração, construções, as múltiplas formas de transferências de energia eram necessárias para o desenvolvimento da exploração. Máquinas programadas para extrair o máximo do potencial da terra com o mínimo de custo. As prósperas famílias que as possuíam, detinham o respeito, poder e riqueza.

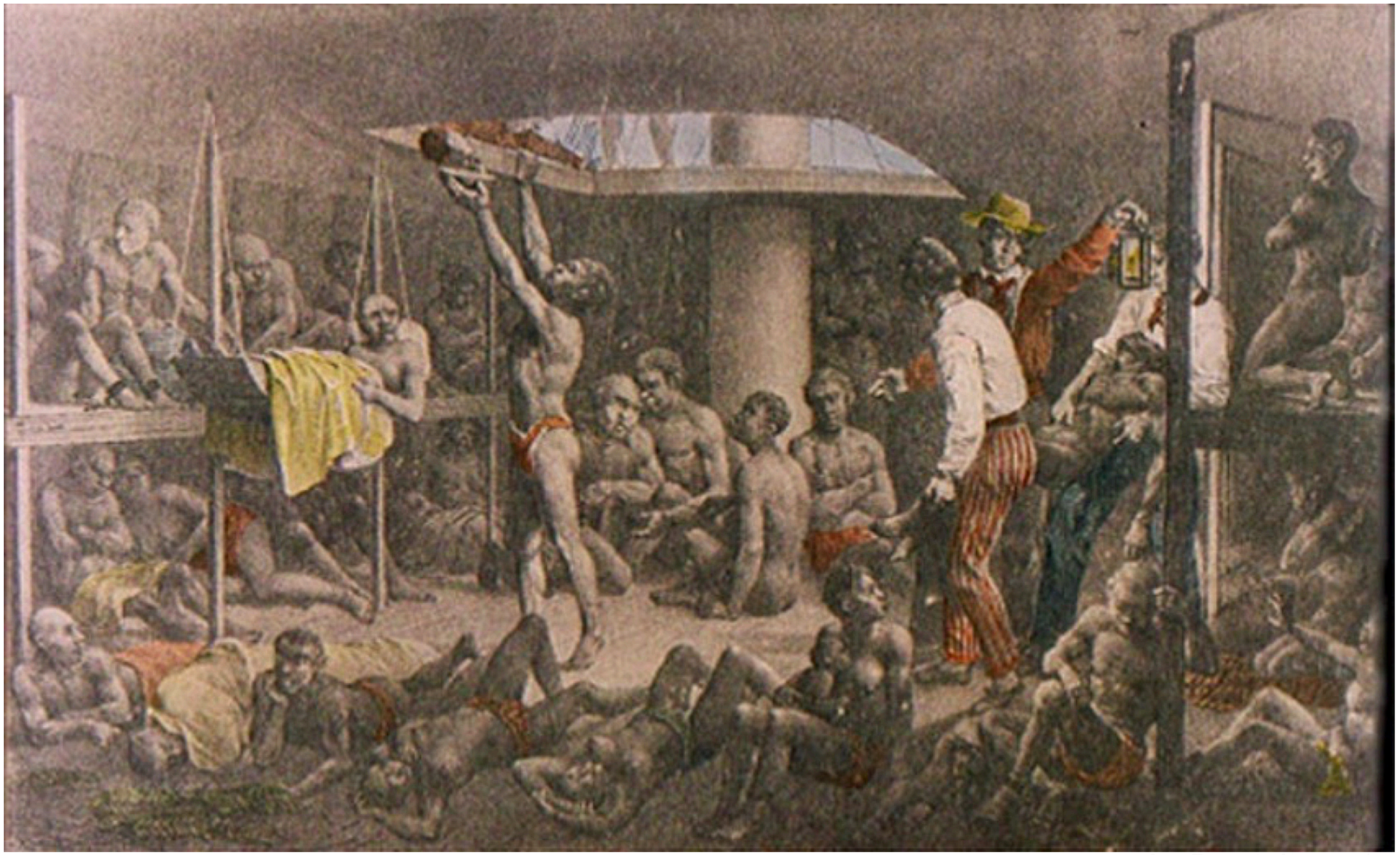
As atividades de extração de madeira, o trabalho nas minas e nas lavouras intensificou a atividade do moinho humano. Para alimentar o sistema, eram necessárias muitas baterias de substituição. Começava assim a caçada humana pelo interior do Brasil nascente. Profissionalizou-se a busca de gente para se manter o moinho em operação, o ciclo de exploração estava iniciado no interior da terra invadida. Ribeiro (1994) expõe:

> O que buscavam no fundo dos matos a distâncias abismais era a única mercadoria que estava a seu alcance: índios para uso próprio e para a venda; índios inumeráveis, que suprissem as suas necessidades e se renovassem à medida que fossem sendo desgastados; índios que lhes abrissem roças, caçassem, pescassem, cozinhassem, produzissem tudo o que comiam, usavam ou vendiam; índios, peças de carga, que lhes carregassem toda a carga, ao longo dos mais longos e ásperos caminhos. (p. 106)

A grande escala do novo território permitiu a expansão de diversas frentes de trabalho organizados inicialmente em pequenos núcleos. A produção amplia-se no entorno dos motores, os quais cresceram rapidamente, exigindo cada vez mais força para girar os moinhos que se instalavam estrategicamente. O local era o ideal, longe dos olhos e dos ouvidos, passavam despercebidos das boas famílias. Os ruídos do seu funcionamento não eram fortes o suficiente para atravessar o oceano, esbarravam na intransponibilidade das distâncias, na solidez dos ideais de seus operadores.



Redução Jesuíta São João Batista – Rio Grande do Sul. Local utilizado para catequização dos habitantes nativos. Parte do projeto de captação de mão de obra, sobreposição cultural e imposição religiosa.



Navio negreiro. Rugendas, c. 1830.

O trabalho escravo resulta na desumanização do ser submetido a cruéis formas de tratamento e coerção, destruindo identidades e culturas. O silêncio era uma forma de desfigurar o escravizado, destituir suas vontades, um modo de esvaziar o sujeito de si. O ser escravizado é reduzido à força para girar a roda do próprio moinho, apagando continuamente sua individualidade e cultura se torna o outro que seu opressor deseja criar. Como escapar do moinho? Quando se encerraria este ciclo de violência? Como refere Ribeiro (1994):

> Todo negro alentava no peito uma ilusão de fuga, era suficientemente audaz para, tendo uma oportunidade, fugir, sendo por isso supervigiado durante seus sete a dez anos de vida ativa no trabalho. Seu destino era morrer de estafa, que era sua morte natural. Uma vez desgastado, podia até ser alforriado por imprestável, para que o senhor não tivesse que alimentar um negro inútil. (p. 118)

Os primeiros motores realizavam com tamanha excelência a transformação de energia humana em fortunas, que a exploração das colônias foi responsável por uma alteração econômica global. As máquinas capazes de transformar gente em dinheiro eram alimentadas com o combustível da cobiça e da ignorância, sendo capazes de operar em todos os terrenos, ergueram paisagens indestrutíveis que permanecem sólidas até nossos dias. Os motores possuíam grande capacidades adaptativas, organizando-se de forma descentralizada em diversas frentes de trabalho, inicialmente aceleraram em direção à extração da madeira, posteriormente metamorfosearam-se em complexos engenhos para fabricação de produtos que a metrópole necessitava para seu consumo e trocas comerciais. Os núcleos produtivos espalharam-se por todo o território deixando marcas e resíduos de suas transformações: devastação, um imenso grupo de baterias de reserva, sem identidade e sem espaço na imensidão das terras, poluição, fumaça, heranças da cultura da redução do ser humano à máquina motriz.

As antigas máquinas foram substituídas com o tempo, porém seus rastros permanecem na cultura de um povo que já nasce marcado. Desenvolveu-se nesse local sombrio o moinho humano, o qual mantém suas raízes ainda vivas. Os grupos explorados seguem os mesmos, pessoas racializadas e em situações de vulnerabilidade, agora prisioneiros da própria condição de pobreza. O silêncio permanece, voz e corpo sofreram com séculos de silenciamento e apagamento. O Brasil mantém as estruturas opressivas desde sua origem, re-moldadas, disfarçadas, porém conectadas e diluídas na cultura do seu povo. Cultura baseada na diferenciação racial e econômica, que resulta na condição de ser perseguido ou no privilégio de ser protegido pelo sistema. Os motores instalados no Brasil no século XVI se mantém ainda ativos através de uma complexa estrutura cultural da distinção.

Os impulsos que moveram os primeiros motores da colonização foram a riqueza inalcançável, uma inconsequente necessidade de acúmulo, fantasia individualista de prosperidade, ilusões, mentiras e idealizações. Os motores são frutos de um continente doente por expandir-se a qualquer custo que mascarou suas invasões como missões civilizatórias, movidos pela ganância divina. O corpo exausto de sua condição procura por emancipação, é necessário descolonizar. O sufocamento precisa ser interrompido. Onde você está nesta engrenagem?

Formas de um antigo território: Rastros naturais.

Os processos de desumanização se dão por uma cadeia de ações que visam a distinção entre os seres humanos, fato que resulta em diferentes direitos aos indivíduos dentro da mesma sociedade. No Brasil, país que vive a herança de um passado colonial, observa-se esses efeitos entre classes econômicas opostas. Como destaca Safatle (2020).

> De fato, a dinâmica colonial assenta-se em uma "distinção ontológica" que se demonstrará extremamente resiliente, conservando-se mesmo após o ocaso do colonialismo como forma socioeconômica. Ela consiste na consolidação de um sistema de partilha entre dois regimes de subjetivação. Um permite que sujeitos sejam reconhecidos como "pessoas", outro leva sujeitos a serem determinados como "coisas". Aqueles sujeitos que alcançam a condição de "pessoas" podem ser reconhecidos como portadores de direitos vinculados, preferencialmente, à capacidade de proteção oferecida pelo Estado. Como uma das consequências, a morte de uma "pessoa" será marcada pelo dolo, pelo luto, pela manifestação social da perda. Ela será objeto de narrativa e comoção.

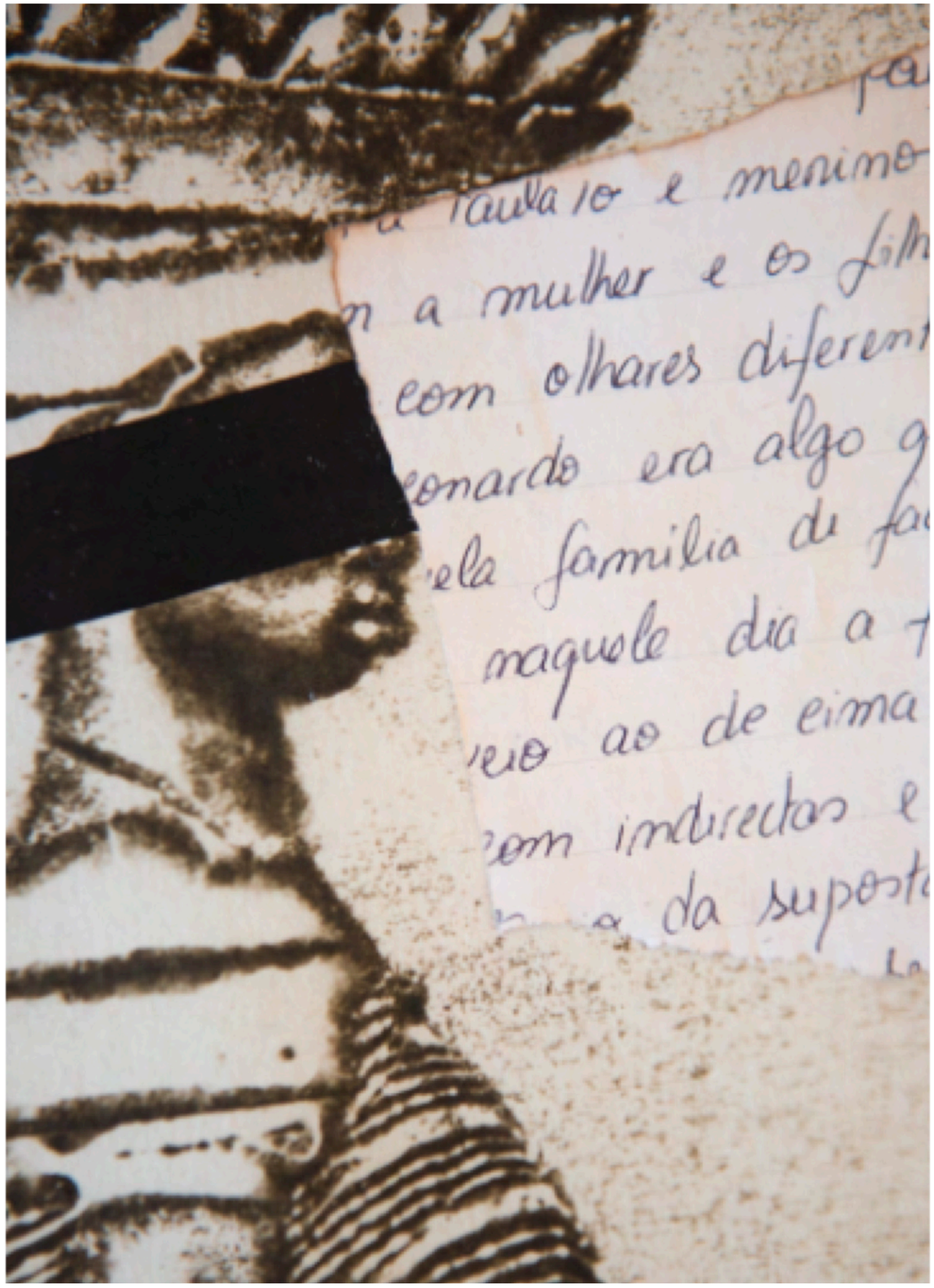
O corpo que não possui rosto, não possui direito a história, não tem direito a narrativa de vida e morte. As políticas de deslocamento para a condição de não humanos visam o apagamento sistemático de grupos minoritários, suprimindo historicamente as características humanas desses indivíduos. Sob a máscara, a terra, a tinta e o carvão, existe um rosto.

Macro estruturas - contradições

As fotografias trabalhadas originaram um painel de técnica mista e um livro de artista, onde utilizei fragmentos de papel jornal, tintas, tecido, plástico, fita adesiva, vidro e matéria vegetal. Os retratos manipulados fisicamente passaram por diferentes processos de interferência, previamente e posteriormente à realização do processo da cianotipia. As fotografias possuem diferentes origens, parte delas foram realizadas com câmeras analógicas de médio e grande formato, outras foram apropriadas de arquivos e livros históricos. Fotografias com origem analógica foram interferidas utilizando tinta acrílica, spray, carvão e matérias vegetais além dos processos de viragem da cianotipia com em erva-mate. As fotografias apropriadas passaram por interferência direta sobre o acetato, sendo a tinta fresca manipulada logo após a impressão, degradando de modo sutil os rostos e os planos de fundo das imagens.

O processo da cianotipia surge como técnica interessante para a criação destes trabalhos. A facilidade de aplicação em diferentes suportes permite ampliar as possibilidades criativas. Durante as experimentações foram realizadas cianotipias em distintos suportes, além de se trabalhar sobre as alterações nas cores com a interação de chá, café e vinho. Ao longo do processo de experimentação realizou-se imagens “entre-processos”, as quais conduziram para novas direções de trabalho.

As fotografias produzidas em cianotipia foram a base para a construção do livro de artistas. O interesse pela apresentação em forma de livro surgiu pela possibilidade de estreitamento da relação com o público/espectador, ativo no manuseio e na construção de narrativas. O livro instiga o público a pensar sobre a história e suas possibilidades de rearranjo e desconstrução, sendo este um ponto importante no processo de questionamento e mudança das estruturas. O livro foi trabalhado com múltiplas técnicas: processos fotográficos históricos, colagens, pintura, costura. Os materiais utilizados foram o papel, plásticos, tecidos, cordas e linhas, vidro, tintas, conferindo diferentes texturas e tornando a experiência multissensorial. Especificamente o livro construído trabalha com múltiplas possibilidades narrativas, podendo o leitor organizá-lo da forma que faça sentido para si. Existe uma similaridade entre as páginas, porém a disposição fica a cargo do observador, limitado unicamente pelos fios que se cruzam e prendem as peças na parte interna do livro.



Experimentação - colagem, cianotipia e fita adesiva.







Experimentações - Cianotipia, café e vinho.







Detalhes do livro - cianotipia e linhas.



Macro Estruturas - Contradições
Técnica mista
Dimensões variáveis

O povo brasileiro

O painel de técnica mistas foi construído com base no processo de cianotipia sobre jornal e papel reciclado. Os jornais no Brasil refletem explicitamente a permanente guerra entre os grupos sociais. Como Safatle expõe, no Brasil algumas pessoas têm o direito à humanidade, outros são vistos como coisas, o papel jornal carrega as marcas dessa cultura. Nas notícias, podemos verificar a recorrente redução dos indivíduos de grupos marginalizados a números. Este processo faz com que os seres humanos percam seus nomes e suas histórias, sendo a não identificação uma estratégia para a insensibilização da comunidade. A repetição desta dinâmica provoca a normalização do desastre, da chacina. A música "Haiti" de Caetano Veloso e Gilberto Gil (1993), mostra outras camadas por trás dos números presentes nas notícias, quando aborda o massacre ocorrido no Carandirú, como podemos observar nesse fragmento:

> Haiti
> Quando você for convidado pra subir no adro da fundação
> Casa de Jorge Amado
> Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
> Dando porrada na nuca de malandros pretos
> De ladrões mulatos e outros quase brancos
> Tratados como pretos
> Só pra mostrar aos outros quase pretos
> (E são quase todos pretos)
> Como é que pretos, pobres e mulatos
> E quase brancos, quase pretos de tão pobres são tratados[...]
> 111 presos indefesos, mas presos são quase todos pretos
> Ou quase pretos, ou quase brancos quase pretos de tão pobres
> E pobres são como podres e todos sabem como se tratam os pretos[...]

Reflito sobre a necessidade de realização de um movimento que possibilite a reversão das dinâmicas de desumanização, construindo um espaço de afeição na tentativa de se pensar e agir nos processos de mudança. Descolonizar a visão e os discursos é fundamental no desenvolvimento de novos horizontes, é necessário entender os movimentos circulares, a influência entre a construção de narrativas dominantes e a materialidade dos nossos tempos. A materialidade do jornal é representativa deste campo de luta, por esta razão está presente nesta proposta, aparecendo de forma simbólica no esforço de devolução de identidades.





Experimentação - cianotipia, tinta acrílica e papel jornal.









Experimentação - cianotipia, tinta acrílica, galhos e folhas vegetais.



O povo brasileiro
Técnica mista
Dimensões: 200cm x 130cm

Manual para fuga

Transformações plásticas: Pressão sobre a matéria.

No desenvolver da história deste local distópico, as formas de controle e poder vão também transformando-se. Devido a transição do controle territorial soberano para um controle que agora é exercido sobre as populações, os métodos de vigilância individual dão lugar a um sistema complexo de operação de uma maquinaria de gestão da vida. A biopolítica é a nova formula reguladora dos corpos de um Brasil em construção, a qual abarca o controle absoluto dos mais variados aspectos da vida e da morte. Os métodos de roubo, de punição e privações precisam ser atualizados, as marcas sobre a pele são suavizadas, a vigilância é internalizada e assimilada pelos próprios indivíduos, os quais passam a ser comandados por campos de força invisíveis. Não mais a sujeição do escravizado perante o seu proprietário, agora observamos a desmaterialização da mão do carrasco e o controle é realizado por distintos dispositivos sociais. Controlar cada elemento da vida dos indivíduos, buscando a maximização da produtividade é uma alternativa para o antigo método de substituição das peças, quando os seres humanos eram substituídos ao chegar no limite da sua resistência física. Os motores continuam a pleno vapor na produção de limitações e inferências sobre os corpos e os pensamentos.

> Percebe-se, consequentemente, que a relação do poder com o sujeito, ou melhor com o indivíduo, não deve ser simplesmente essa forma de sujeição que permite ao poder tornar dos sujeitos bens, riquezas e, eventualmente, seu corpo e seu sangue, mas que o poder deve exercer-se sobre os indivíduos, uma vez que eles constituem uma espécie de entidade

> biológica que deve ser levada em consideração, se queremos, precisamente, utilizar essa população como máquina para produzir, para produzir riquezas, bens, para produzir outros indivíduos. O descobrimento da população é, ao mesmo tempo que o descobrimento do indivíduo e do corpo adestrável [dressable], o outro núcleo tecnológico em torno ao qual os procedimentos políticos do ocidente se transformaram." (Foucault, apud, Castro, 2004, p. 59)

Um grande laboratório de produção de máquinas para serem exploradas, onde experimentos são realizados para atender as necessidades do tempo. É imprescindível a criação de moldes, formas, padrões para se construir uma boa peça, é inevitável a inferência sobre as mais variadas esferas da vida e da subjetividade através destes processos de "pecificação". A "pecificação" atua sobre a matéria e o imaginário, proíbe o devaneio e condena o que não é normalizado. A pecificação do ser humano pode ser entendida para além de sua transformação em engrenagem, mas em um sentido ampliado de sua fabricação. A concepção de cada peça é cuidadosamente calculada para servir a um propósito, a sua cadeia produtiva é planejada e vigiada desde o estágio mais remoto. Cada matéria e informação necessária é atenciosamente colocada em seu lugar, toda a programação fundamental para sua criação e desenvolvimento é regularmente visitada e manipulada. O maquinário não aceita peças com defeitos, porém cultiva um exército de peças sobressalentes para reposição. No laboratório Brasil a receita é estar encaixado em uma suposta condição de "normalidade", seguir o plano prescrito: doses de submissão que dependendo da cor da pele devem ser dobradas, pílulas de cidadão de bem, porções de heterossexualidade, sobredoses de família e deus cristão. No fim do dia no laboratório Brasil deve-se compartilhar a ignorância com os próximos, agradecer a situação de exploração e cultivar o silêncio. Não se deve levantar a voz dentro deste laboratório, a docilidade faz parte da norma. A imposição do silêncio é um pilar fundamental na construção do colonialismo e estratégico contra os processos de decolonização. Como diz o Criolo na música "Boca de Lobo"(2018) referindo-se ao caso Marielle Franco e outros assassinatos de lideranças periféricas: "Olhe, essa é a máquina de matar pobre. No Brasil, quem tem opinião, morre"

Peças que não servem são encaixotadas e desaparecem, corpos, saberes, culturas, memórias e histórias são tirados de circulação. É recorrente a aplicação de políticas de desaparecimento no caso brasileiro, Jonnefer Barbosa, em seu texto "Políticas de desaparecimento e niilismo do estado" destaca que podemos perceber os efeitos destas políticas ao longo da história do país. São exemplos destas técnicas a ocultação de corpos de escravos mortos no período colonial, seja na travessia oceânica ou durante a exploração do trabalho forçado; a época de ditadura militar no Brasil, com a perseguição, morte, desaparecimento dos presos de políticos e os cemitérios de indigentes; atualmente as subnotificações dos mortos por Covid-19. Aliado as técnicas de produzir desaparecimento temos a necropolítica que determina quem são os indivíduos que devem estar vivos e os que devem ser mortos. O brasileiro passa por um ciclo de avaliação sobre vida e morte, uma espéciede fluxograma de validade construído no passado colonial e posteriormente assimilado

e mantido pelo estado, o atual responsável por exercer o controle da população. Para entendermos sobre as estruturas de domínio e controle sobre os corpos é necessário o estudo de "Dispositivos de controle". Como destacado por Foucault dispositivos refere-se a:

> [...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos... [e entre estes] existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes, [cuja finalidade] é responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante. (1996, p.244-245)

O corpo dos indivíduos é local de dominação e abuso, Simone Weil (1957 apud Esposito, 2016, p. 29) destaca que em Roma "a propriedade era estabelecida a partir do direito de usar e abusar. E, com efeito, a maior parte das coisas cujo dono tinha o direito de usar e abusar eram seres humanos." Quando as relações de domínio são exercidas sobre o corpo, matéria, a fuga é uma possibilidade, porém dentro dos novos sistemas de gestão da vida a partir dos dispositivos de controle, ocorre uma destruição dos horizontes de fuga. A ocupação de todos os espaços não deixa margem e limita a capacidade de se produzir novas paisagens. O direito de imaginar uma saída é subtraído nesta nova relação de domínio. Penso que deveríamos inventar métodos para se "des"ver", "des"escutar", "des"saber" como alternativas para se descolonizar os pensamentos inundados de programação "pecificadora". Voltar o tempo e desprogramar o maquinário.

Para Peter Pál Pelbart (2008) perdemos toda a autonomia em relação a gestão da nossa própria vida. Os espaços foram tomados pelos mecanismos de controle, apropriando-se do ser em diferentes níveis, físicos e mentais:

> Se antes ainda imaginávamos ter espaços preservados da ingerência direta dos poderes (o corpo, o inconsciente, a subjetividade), e tínhamos a ilusão de preservar em relação a eles alguma autonomia, hoje nossa vida parece integralmente subsumida a tais mecanismos de modulação da existência. Até mesmo o sexo, a linguagem, a comunicação, a vida onírica, mesmo a fé, nada disso preserva já qualquer exterioridade em relação aos mecanismos de controle e monitoramento. (2008, p.1)

Posto isso podemos pensar sobre a garantia do direito a liberdade como sendo fundamental do ser humano. Expresso na constituição brasileira, visa assegurar a dignidade individual e manter a estrutura democrática do estado. A partir deste ponto podemos colocar duas questões: Liberdade para quem? Democracia para quem? A teoria, nesta questão, diverge brutalmente da realidade, a aparente evolução na conquista de direitos esbarra na prática a uma série de condicionantes. O poder precisa da ilusão de liberdade para atuar, assim escolheu o local que parecia mais acessível para instalação, os corpos que acreditam ser livres. Nossa liberdade está diretamente condicionada as formas de controle. Os corpos foram invadidos,

sobraram doses de ilusões controladas para que a massa respire. As formas de controle instaladas, reproduzem e vigiam os propósitos do sistema. Nos tornamos transmissores de poder a partir da internalização de ideologias dominantes e do conforto perante a suposta normalidade. O que devemos encontrar são pontos de fuga, como refere Foucault:

> Nós somos todos não somente o alvo de um poder, mas também seu transmissor, ou o ponto de onde emana um certo poder! O que se deve descobrir em nós não é o que está alienado nem o que está inconsciente. São essas pequenas válvulas, esses pequenos difusores, essas minúsculas engrenagens, essas microscópicas sinapses através das quais o poder passa e se acha reconduzido por ele mesmo. (Droit, 2006, p. 95)

Manual para fuga é dividido em 4 passos, os ruídos, as imagens os movimentos e as palavras. Cada sessão foi pensada individualmente, relacionando-se com uma camada do projeto: áudio, projeção, performance e poesia. O texto a seguir foi organizado em forma de livro, o qual foi realizado durante o mestrado.

Os ruídos

A linha de áudio foi trabalhada com o propósito de conduzir os espectadores para uma espécie de ritual interior, com a ideia de conexão com um ser anterior, livre. Utilizou-se sons de florestas, canto de pássaros, cânticos e sons de cerimônias indígenas, ruídos, tambores, frequências e sons de instrumentos musicais. Os áudios das cerimônias remetem a rituais de cura, convidando o público para uma reflexão sobre sua relação com ambiente em que vive. Cada local dentro da estrutura invisível é condicionante e adaptativo para o corpo. Quais os movimentos e pensamentos devem ser filtrados?

As imagens

Para o trabalho de construção do vídeo, refleti através do texto de Simondon sobre o humano como objeto técnico. O corpo não mais habitado, silenciado e adestrado seria um objeto técnico. Os sistemas de controle impedem que os corpos sejam territórios conhecidos, e vivam de suas diferenças, para isso foram desenvolvidas estratégias de padronização. Criou-se um corpo plástico, desumano, não articulado e imóvel como modelo, aboliram-se as diferenças orgânicas na invenção de um corpo imagem.

As imagens projetadas referem-se a fragmentos, corpos em movimento, forma de descontrole e liberdade. Partes de corpo caótico, vigiado e controlado, fragmentos de corpo descontextualizado, corpo desabitado e outros elementos relacionados com a proposta. As imagens truncadas deixam margem para que o espectador complemente os movimentos. O projeto conta com pontos de projeções em locais distintos, conferindo para o público a liberdade de escolha entre as mesmas.

Os movimentos

Através de um sistema de projeção analógico, essa seção do projeto aborda o apagamento dos movimentos do corpo pela disciplina, questionará as imagens estáticas, trazendo movimento e adicionando outras camadas interpretativas. Imagens de corpos são projetadas e interferidas durante a apresentação do projeto.

A imagem projetada e manipulada durante a performance, relaciona-se com o que propõem Agamben quando refere que toda imagem possui "poder paralisante que é preciso exorcizar" (2008, p. 12). Relacionando com Flusser sobre o gesto de destruir, como entende o autor "Destruir significa abolir estruturas, isto é, regras que organizam os elementos para formarem um todo (2014, p. 112)". A interferência sobre as imagens sugere o "exorcismo" da imagem estática, além de "abolir estruturas" seja da imagem em si ou do gesto (condicionado pelos dispositivos) fixado sobre a película.

As palavras

Iludir-se com a fuga, seria uma forma de abstração da realidade? A sobriedade é pesada. Como escapar desta paisagem? A impossibilidade da volta no tempo, paredes de uma prisão. Como poderíamos desordenar as pedras dos muros? O conceito, a ideia, ruído, som, podem ser formas de atravessamento. A palavra atravessa a solidez, constrói outro cenário possível. A palavra poderá ser o meio, para a desordem e revolução. O texto propõe pensarmos sobre o real controle que temos sobre nossas vidas, já que somos influenciados e planejados em diversos níveis, o que é reprimido e o que é realmente desejo?

Uma ilusão

Passo 1 - Escute os ruídos - Microscópicas Sinapses

O corpo é o medium do poder, diversos são os meios para sua instalação. O corpo contido, silenciado e imóvel é um corpo morto, o caos é um remédio paliativo. Novas paisagens são invisíveis aos olhos.

Lamento sobre o controle – Primeiro Ato

Contaminou como vírus, entrou em todos os poros. Todas as relações, as estruturas, o que é físico e o que é conceito, foi brutalmente tomado. No silêncio das madrugadas, na solidão dos parques, nos espaços privados e nos sonhos. Sempre há um vigia, armado de olhos, dedos e saliva. Apesar da cegueira ele observa. Sobre os dedos os fios. Atrás da boca, os motores e válvulas cadenciam os argumentos.

Tudo foi invadido e violado. Sobrou carcaça, sobrou imagem, duas frases da infância e um enorme muro. Do outro lado, um deserto, um deserto, um deserto, um deserto...

Do lado de cá, estado de embriagues, ou melhor a maior lucidez de todos os tempos, impenetrável sobre qualquer dúvida, todas as certezas e verdades na ponta dos dedos, na superfície dos olhos... O inconsciente foi invadido, o deus da floresta foi morto! Pior, foi catequisado.

Plastificaram o sexo, a fé, a linguagem, a comunicação, as relações foram formatadas, agora são controladas de dentro do próprio corpo.

Passo 2 - “Des”ver, Casca, Corpo - Minúsculas engrenagens

O corpo plástico é um objeto técnico sem vísceras ou desejos, um estado de consciência de cada ser, uma idealização com a capacidade de moldar o corpo orgânico. O corpo plástico é inalcançável, vive das imagens sem nunca ter sido visto. O indivíduo busca incansavelmente o que foi criado em sua mente. A idealização do corpo é imposta, um modo de gerar fantasia, deslocamento do real.

Lamento sobre o controle – Segundo Ato

O poder emana do próprio corpo, da “liberdade” do corpo, da dança do corpo, do gesto do corpo, ele se apropriou. Do corpo, do corpo, do corpo, do corpo cansado. Fábrica.

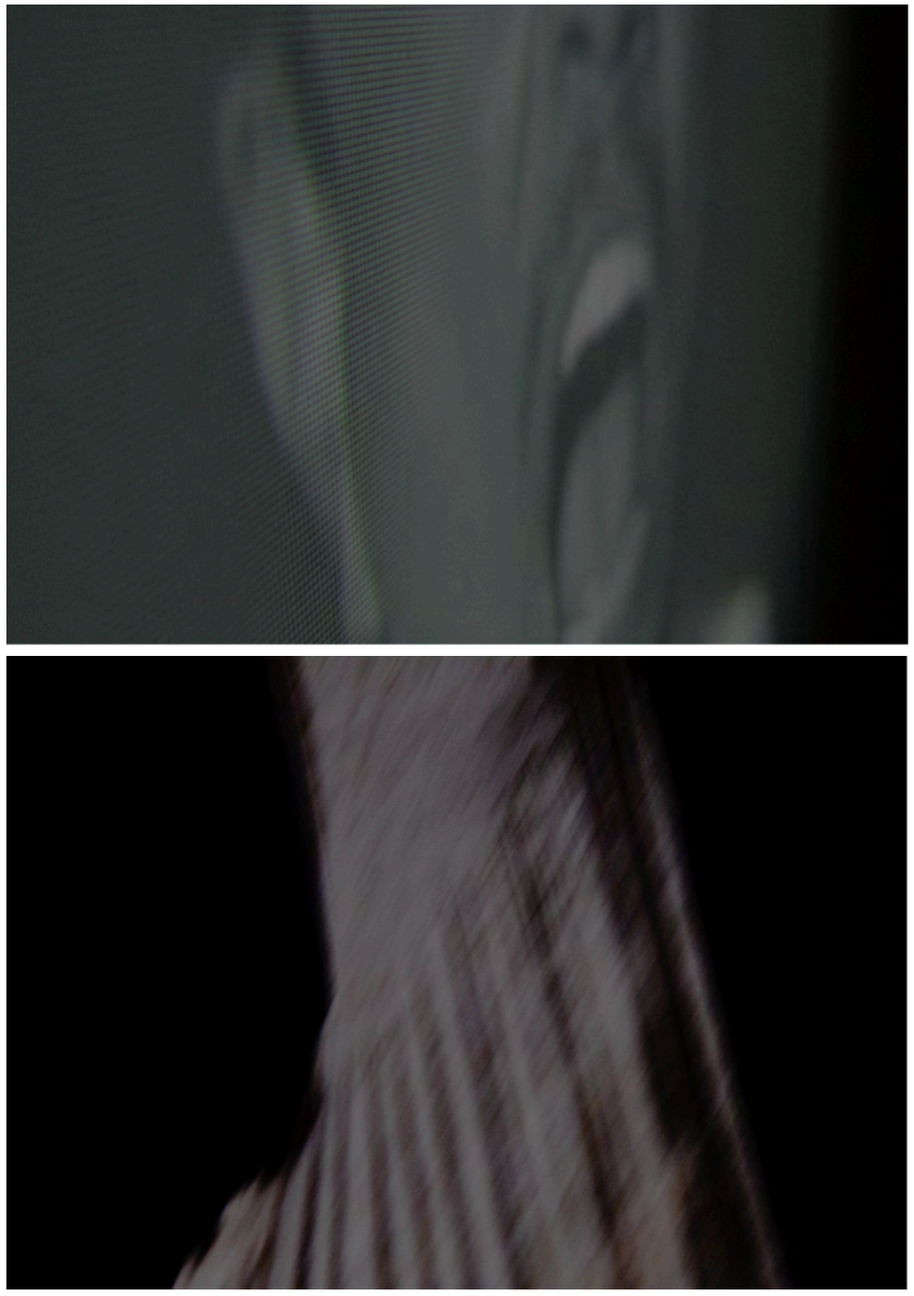
Não sabemos onde estamos, eles sabem quem somos e todos os sinais podem ser rastreados do lado de cá. O nosso desejo é o desejo deles. O nosso tempo é o período deles.

O interesse não é na nossa morte nem na nossa vida, mas em fazer com que sobrevivamos. Submeter o ser humano ao estado de sobrevida corpórea, vegetativa, ilusão. O corpo está esgotado, de força e de possibilidades.

O ser humano habita sua condição terminal, em todos os níveis da estrutura. Os romances, a música, o teatro já foram.... todos foram....

A epiderme já não sente. Esse olfato gripe. O “eu” virou carne, pode ser pesado, torcido, medido... todos iguais. Importa mais os lábios que o gosto, que o beijo. Importa mais a boca que a palavra, todas iguais. Todas iguais. O corpo saiu da fábrica. O manual de instrução é um chip. A dopamina é um meme. O corpo é um meio, adaptado as normas do espetáculo.

O modelo é inalcançável. Do lado terreno, os humanos submetem seus corpos a forma. Submetem seus cérebros aos malabarismos da tecnologia.
O corpo é fascista. Matéria fascinante, gente fascinada.



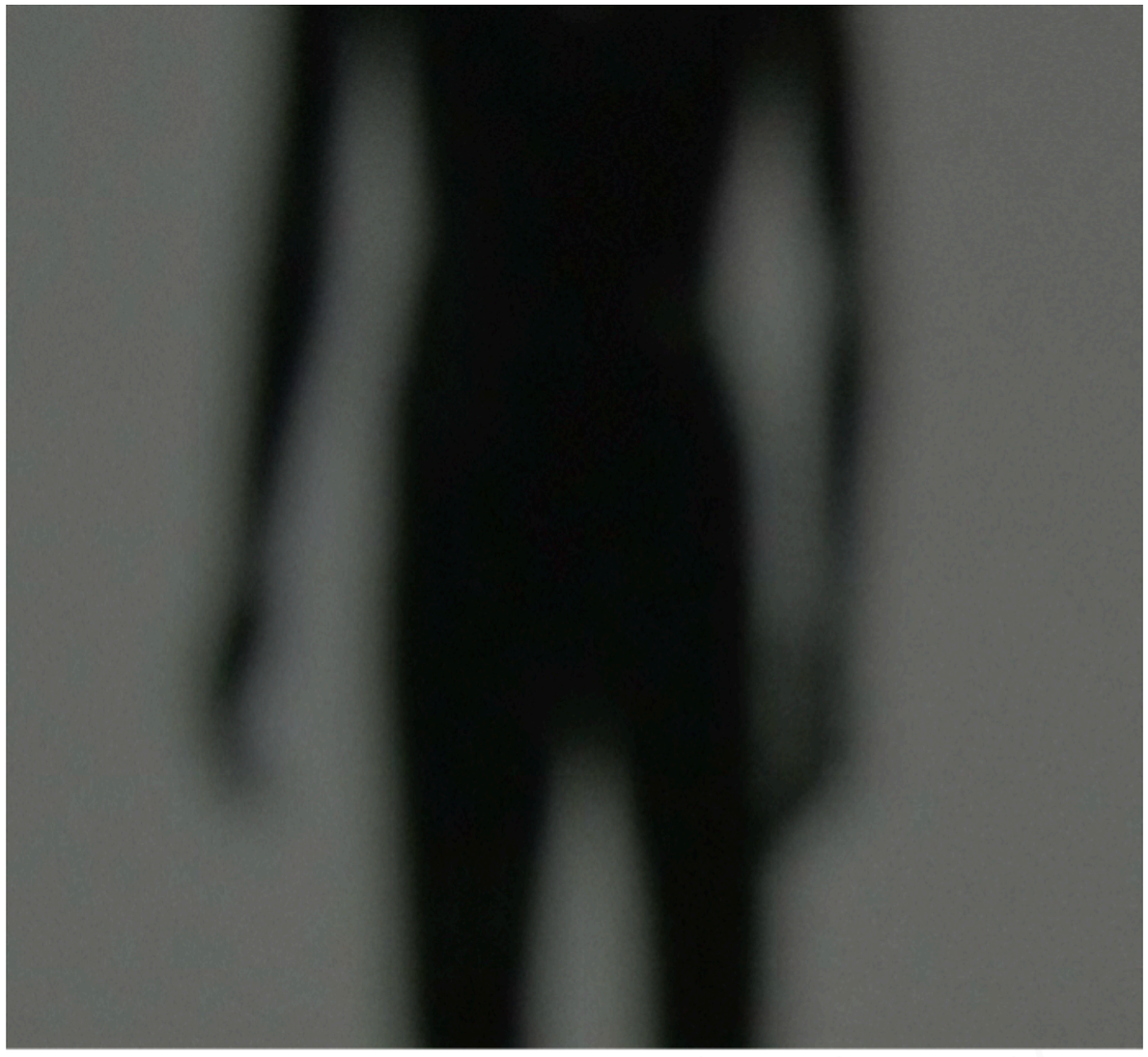
Frames de vídeo – Manual para fuga.

Passo 3 - “Re”habite - Pequenos difusores

O corpo precisa ser retomado, a paralisia deve dar lugar ao movimento. Estático e inerte são estados de consciência. É necessário caminhar por conta própria, reinventar o passo é uma possibilidade. Duvide de tudo, os questionamentos são as chaves para desmontar as estruturas.

Lamento sobre o controle – Terceiro Ato

Nesse mundo artificial sem contato, tudo já foi notícia, todos os movimentos já foram feitos, todas as possibilidades esgotadas. Restou a reprise da reprise. A segunda edição, 7 pecados pra 7 bilhões, e uma xícara de café sem cafeína...
Tenha fé! Tenha fé! Tenha fé...
A vontade é deslize, o desejo é defeito de fábrica.
Não acorde da hipnose forçada, não questione, não hesite, ficará tudo bem...
A anestesia é forte, o gosto é amargo.
Mas não esqueça de sorrir, você está sendo vigiado, você foi treinado pra isso!



Frame de vídeo – Manual para fuga.

Passo 4 - Sensibilidade – Retomada da Consciência

A passagem para o lado de lá requer sensibilidade, é preciso preservar a capacidade de sentir dor. O estado anestésico é conveniente para os donos das pílulas. Não tome o seu remédio por alguns dias! Evite as cápsulas retangulares transmitidas for fibra ótica. Estar em silêncio consciente é um grande desafio.

Lamento sobre o controle – Quarto Ato

Venho fazer um pedido, me escute só mais um minuto. Fiquei atento, quando acordar as 4:30 da manhã de uma quarta-feira. Fiquei atento.

Você pode acordar no meio do seu trabalho, ou sobre um palácio, por entre garrafas espalhadas na solidão de uma multidão. Você vai despertar da sua controlada rebeldia.

Fique atento e seja rápido. Existe um ponto cego, é só você prestar atenção. As eras irão se passar, a fuga será planejada sem uma palavra, nem troca de olhares. Fique atento!

Existe um portal, onde passam as ondas.

A certeza é calmaria. Dúvida... Vento!

O corpo precisa voltar a sentir dor. Preservar a capacidade de sentir sua dor... Liberdade pra sentir dor, sem uma dose de anestésico, de cuidado. O corpo deve reinventar sua performatividade, livre da forma, da câmera, da domesticação, da igreja, da escola, da fábrica, do insta... Fique atento!

Preserve sua capacidade de sentir dor...

Preserve sua capacidade de sentir dor...

Preserve sua capacidade de sentir dor...

Preserve sua capacidade de sentir dor...



Frame de vídeo – Manual para fuga.



Manual para fuga
Performance e projeção audiovisual
Dimensões variáveis
https://felipeargiles.myportfolio.com/manual-para-fuga

Cultura da distinção

Histórias esquecidas: Engrenagens do sistema.

A chegada dos invasores da início a imposição de um novo modo de organização social, com interesses distintos dos grupos que ali habitavam. Autorizado pelo poder divino, o vaticano legitimava as regras para as novas ações colonizadoras, dando o respaldo necessário para as intervenções violentas e brutais dos portugueses. Pode-se constatar através da Bula Romanus Pontifex, de 8 de janeiro de 1454, do papa Nicolau V e na bula Inter Coetera, de 4 de maio de 1493, como se daria as relações entre os invasores e os povos locais, respectivamente.

> [...] concedemos ao dito rei Afonso a plena e livre faculdade, entre outras, de invadir, conquistar, subjugar a quaisquer sarracenos e pagãos, inimigos de Cristo, suas terras e bens, a todos reduzir à servidão e tudo praticar em utilidade própria e dos seus descendentes. Tudo declaramos pertencer de direito in perpetuum aos mesmos D. Afonso e seus sucessores, e ao infante.[...]

> "E a vós e a vossos herdeiros e sucessores […], pela autoridade do Deus onipotente a nós concedida em São Pedro, assim como do vicariado de Jesus Cristo, a qual exercemos na terra, para sempre, […] constituímos […] senhores, com pleno, livre poder de sujeitar a vós, por favor da Divina Clemência, as terras firmes e ilhas sobreditas e os moradores e habitantes delas, e reduzi-los à fé católica".

Os povos originários deveriam ser tratados como seres de outra natureza, sendo subjugados, oprimidos, escravizados, de forma a atender os interesses dos invasores. Por não compreender os comportamentos e crenças dos povos locais, os invasores não os identificavam como seres humanos semelhantes, justificando as práticas exploratórias. Podemos observar ainda hoje as heranças deste sistema de distinção. Santos destaca:

> A completa estranheza de tais práticas conduziu à própria negação da natureza humana dos seus agentes. Com base nas suas refinadas concepções de humanidade e de dignidade humana, os humanistas dos séculos XV e XVI chegaram à conclusão de que os selvagens eram sub-humanos. A questão era: os índios têm alma? Quando o Papa Paulo III respondeu afirmativamente na bula Sublimis Deus, de 1537, fê-lo concebendo a alma dos povos selvagens como um receptáculo vazio, uma anima nullius, muito semelhante à terra nullius, o conceito de vazio jurídico que justificou a invasão e ocupação dos territórios indígenas. (2007, p. 7)

A prática da exploração e da violência legitimada pela igreja católica romana se manterá durante o período do império, pois os documentos papais ainda possuíam validade. Este contexto opressivo desenvolve ao longo do período colonial a cultura da submissão e resignação. Como refere José de Oliveira (2014) *"Ainda hoje esse silêncio é a norma vigente no Brasil que garante o exercício arbitrário do poder sobre o povo, tirando-lhe a possibilidade de traçar seu próprio destino, vendo as pessoas apenas como meros servidores dos poderosos."*

No Brasil existem diferentes condições de tratamento e modos desiguais de validação e reconhecimento dos indivíduos, está questão aparece como um dos resíduos da colonização europeia. A demarcação destas distintas condições se origina na diferenciação entre exploradores e explorados, colonizadores e escravizados. Safatle (2020) reflete sobre a degradação do ser humano que ocorre no interior das relações escravagistas, porém o autor destaca que as ações degradantes permanecem mesmo após o fim formal da escravidão. Esta distinção se estenderá até os dias atuais, preservando para uma parcela da população os direitos que são negados aos outros grupos sociais. Achille Mbembe (2016) contribui para o entendimento da condição do ser humano escravizado que resulta em uma série de perdas, diz ele:

> De fato, a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um "lar", perda de direitos sobre seu corpo e perda de status político. Essa perda tripla equivale a dominação absoluta, alienação ao nascer e morte social (expulsão da humanidade de modo geral). (p. 131)

Se constata, ainda hoje os efeitos das práticas exploratórias de determinados grupos sociais. Mascarando e escondendo a cultura racista com a ilusão de se viver em uma democracia racial, a sociedade brasileira vive a herança do sistema colonial escravocrata e mantém a cultura da distinção. Observa-se no contexto brasileiro uma notável diferença nas condições de oportunidades e tratamentos entre as diferentes raças que compõe a sociedade. A precária condição de grupos historicamente subalternizados se mantém ao longo da história do

país, sendo politicamente tratada para sua manutenção. Estes grupos sociais, economicamente desfavorecidos, estão constantemente expostos à situações de violência e morte. Butler (2018) refere que:

> A precariedade também caracteriza a condição politicamente induzida de vulnerabilidade e exposição maximizadas de populações expostas à violência arbitrária do Estado, à violência urbana ou doméstica, ou a outras formas de violência não representadas pelo Estado, mas contra as quais os instrumentos judiciais do Estado não proporcionam proteção e reparação suficientes. (p.35)

Deste modo, a cultura da distinção permeia as esferas sociais e políticas mantendo as estruturas basais de dominação/subordinação ainda vivas na sociedade brasileira. O governo brasileiro utiliza da distinção entre os grupos como um dispositivo central de suas políticas, mantendo os historicamente oprimidos no limite da exaustão, pelas suas debilidades econômicas e vulnerabilidade de condições sociais degradantes. A luta de classe no caso brasileiro gera um conflito racializado, onde a diferenciação entre os brancos e os outros faz parte de uma cultura secular de domínio e opressão. O estado brasileiro, antes o estado colonizador, atua para manter de forma "velada", os interesses de um determinado grupo social (estado protetor), silenciando e abatendo de forma sistemática os grupos historicamente oprimidos (estado predador). Como refere Santos (2018) em Construindo as epistemologias do sul: *"O polícia que ajuda o menino das zonas civilizadas a atravessar a rua é o mesmo que persegue e eventualmente mata o menino das zonas selvagens."* (p. 371) Para este Estado um grupo de pessoas nasce culpado pelas suas características raciais, então o dever de proteção do Estado de Direito é transgredido e passa a perseguir um grupo e defender o outro.

Essa delimitação e separação racial gera uma espécie de fronteira interna no país, a qual não se percebe territorialmente, sendo móvel e fluída. Uma fronteira viva em constante deslocamento sendo recorrente contenção e impedimento para sua transposição. Como Achille Mbembe refere no livro "Brutalismo" sobre o corpo-fronteira, onde o autor explica que quando uma pessoa africana tenta imigrar na Europa, cada local por onde esta pessoa se deslocará será a nova fronteira, concluindo que os corpos dos africanos como classe racializada compõem a nova fronteira europeia. Estas pessoas, as quais não possuem direito de proteção, tem seu abrigo negado. Mbembe destaca: *"A excisão dos territórios e a decisão sobre quem pode deslocar-se, para onde e em que condições, figuram no centro das lutas pela soberania."* (p. 161) Analisando que os direitos de liberdade de deslocamento entre as fronteiras estão cada vez mais restritos e complexos e podem ser a suspensos por qualquer questão, estas práticas compõem para o autor um novo regime de segurança global.

> Este regime caracteriza-se pela externalização, militarização, digitalização e miniaturização das fronteiras, uma infinita segmentação e restrição de direitos e a implementação quase generalizada de técnicas de rastreio e vigilância, consideradas o método ideal de prevenção contra todo o tipo de riscos, incluindo a imigração ilegal". Sua principal função é facilitar a mobilidade de certas classes raciais, interditando-a a outras ou só sendo

> concedida em condições cada vez mais draconianas". Esse regime de segurança abriu caminho para formas encobertas e por vezes assumidas de estigmatização e racialização, afetando principalmente indivíduos privados de seus direitos ou particularmente vulneráveis. Tal violência é mantida por novas lógicas de detenção e encarceramento, deportação e repressão, que inspiram práticas de apagamento, triagem, estacionamento ou zoneamento e invisibilidade herdadas do colonialismo. (Mbembe, 2020, p.162)

De fato, observamos estas dinâmicas no Brasil, onde os corpos negros e não brancos são a materialidade limite do medo, sob essa justificativa surge uma linha a qual deve ser vigiada e afastada do restante da sociedade. O autor é preciso sobre sua relação deste novo regime de segurança global estar ligado com uma herança do colonialismo, pois percebemos na cultura brasileira o quão profundo estão as raízes destas distinções. A cultura da distinção faz parte das fundações históricas deste local, deste modo, práticas desumanizantes estão atreladas as origens do povo brasileiros e ocorrem de forma permanente e sútil (por vezes explícitas) nesta sociedade, a ponto de se tornarem invisíveis e serem negadas por muitos, que consideram a existência de uma de democracia racial. Torna-se assim, mais difícil o enfrentamento dessa situação, que por não ser entendida como um problema concreto a ser enfrentado mantém-se permeando as relações sociais, sendo negada pela maioria e naturalizada pelo estado.



“Negociantes contando índios” Spix e Martius, Viagem pelo Brasil: 1817-1820". Editora Villa Rica, 1981, 3 volumes.

Formas de um antigo território: Heranças imateriais.

Os olhos sempre atentos sobre os comportamentos dos sub-humanos, poderiam fugir a qualquer momento pela mata adentro, deixar de trabalhar pelo esgotamento ou tentar o suicídio como último escape. Criaram-se sistemas de vigia. Primeiro foram os olhos dos invasores, depois os olhos dos seus filhos com a gente da terra. Desenvolveram-se sistemas rígidos de controle, as penalidades variavam entre chibatadas e assassinatos, o moinho deveria seguir gastando gente lentamente. Os dispositivos de controle foram atualizados e hoje são operados pelo Estado, habitando o espaço material e imaterial, constroem barreiras físicas e mentais. Para Agambem: *"dispositivo é, antes de tudo, uma máquina que produz subjetivações e somente enquanto tal é também uma máquina de governo"* (2009, p.46).

Sufocamento, claustrofobia, a peça Moedores partiu de uma sessão fotográfica, a qual tinha por conceito investigar o corpo privado da liberdade, corpo reprimido pela impossibilidade de expressão, uma visão sobre o ser silenciado e exausto. A sessão fotográfica em estúdio destaca gestos agressivos na tentativa de se desvencilhar da situação.

Mecanismos, máquina de exploração. Ruído mecânico e o silêncio imposto. Moedores, propõe uma discussão sobre as dinâmicas históricas de privação. O trabalho forçado que deforma a matéria, molda o corpo livre, sujeita e desgasta. O silêncio, o vazio, a desumanização. Moedores reflete sobre estas estruturas questionando o lugar do silenciado e do silenciador, a reprodução destas ações na atualidade e onde estamos localizados nestes

mecanismos. O não ver, o sigilo é o gatilho para o desencadeamento do processo. A cegueira é estratégica para que o moinho continue operando. Como destruir a estrutura? Quem move esta manivela?

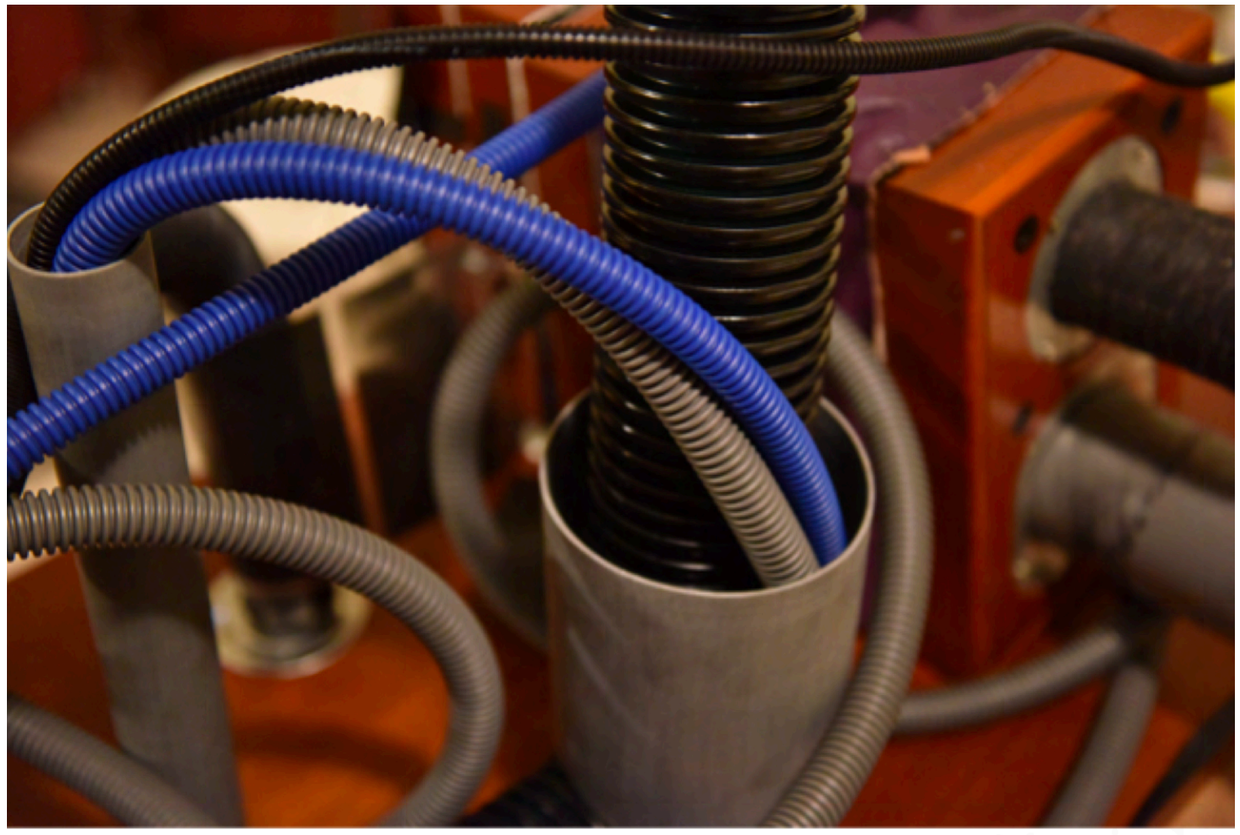
Como parar uma engrenagem invisível? Será possível uma fuga?

Moedores

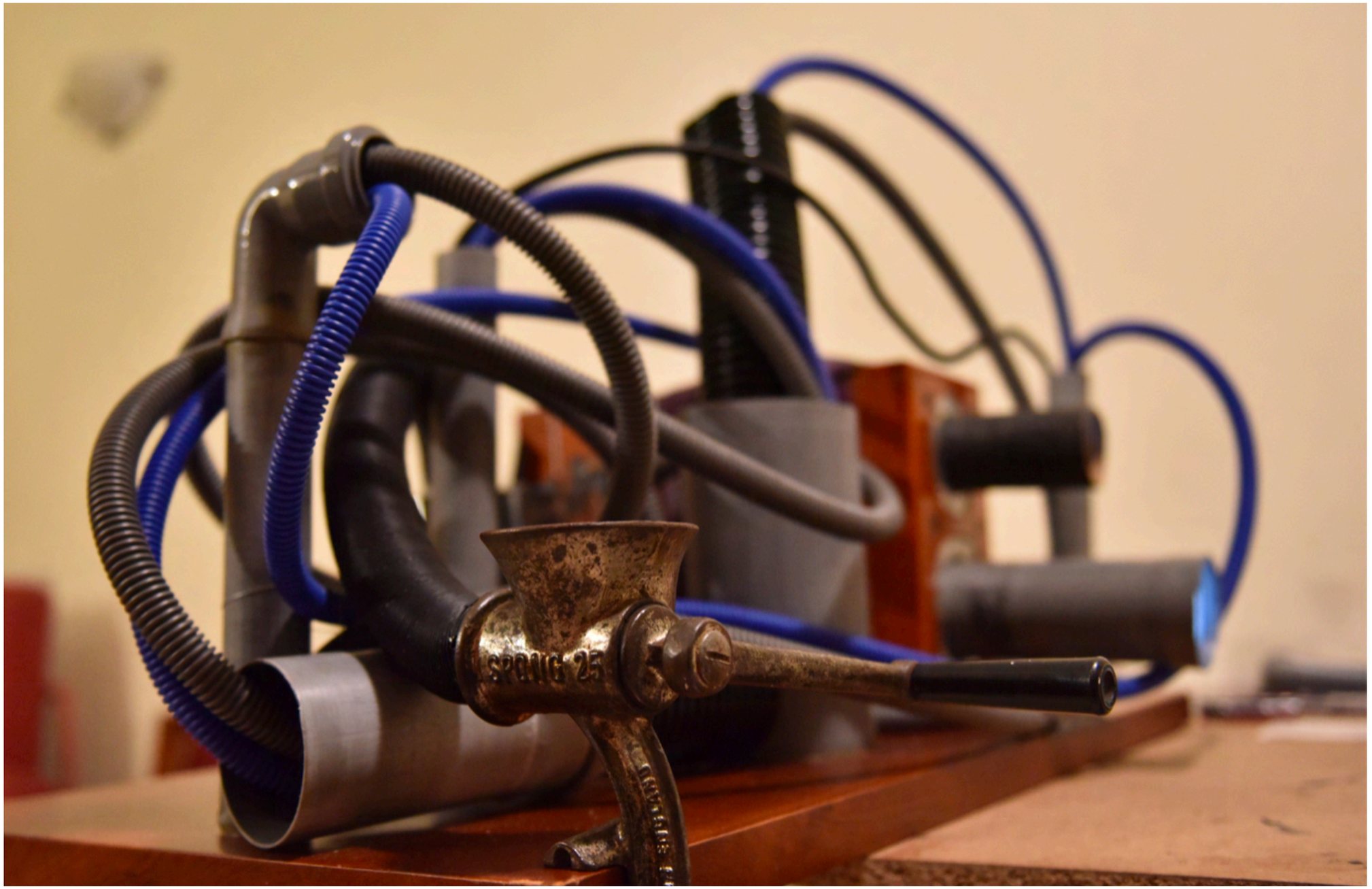
A peça foi montada sobre uma base de madeira a qual é responsável por estruturar e unir os variados componentes. Uma câmera de grande formato construída com materiais reciclados foi convertida para ser um projetor de slides, os quais são acionados por uma série de tubulações e sistemas de manivelas. O conjunto de tubulações forma um organismo estranho, cujo funcionamento não se torna claro à primeira vista. A máquina de aspecto curioso provoca dúvidas sobre seu papel: qual a funcionalidade destes tubos? Por que esta estrutura tem este formato? Estas tubulações são realmente necessárias para seu funcionamento?

A posição do operador do sistema é propositalmente oposta à projeção das imagens, a manivela é acionada e o moinho alimentado sem que o operador possa ver seus efeitos, estando com as costas voltadas para as fotografias projetadas. Moedores refere-se à posição do operador do sistema, convidando a pensar sobre meios de interromper o antigo moinho. O observador da peça está de frente para a estrutura, como poderá ser destruída? A operação do moinho faz parte da cultura da sociedade brasileira.

Relacionando com o pensamento de Agamben, reflito sobre a imagem fotográfica como um modo de controle, a qual é utilizada para difundir comportamentos, formas de ser e estar. A fotografia é também responsável pela instrução para o gesto, podendo a imagem fotográfica ser utilizada como forma de repressão. Influenciando a matéria, interferindo nos comportamentos dos sujeitos, educando o corpo, controlando e determinando o que deve ser mostrado, a fotografia possui a capacidade de normalizar aspectos estéticos e por oposição, reprimir outros. Expõe o que pode ser aceito, definindo padrões, os quais são escolhidos por poderes de ordens diversas. Deste modo as imagens difundidas em larga escala são de significativa importância nas estratégias delimitadoras dos indivíduos. Posto isso, o trabalho realizado com base fotográfica tem por objetivo uma tentativa de emancipação, do corpo dentro da imagem. Um corpo selvagem deseducado, desabitado de controle. A emancipação do corpo reprimido passa pela liberdade imagética e estética, sendo assim a fotografia pode ser entendida como uma possibilidade para a transgressão.

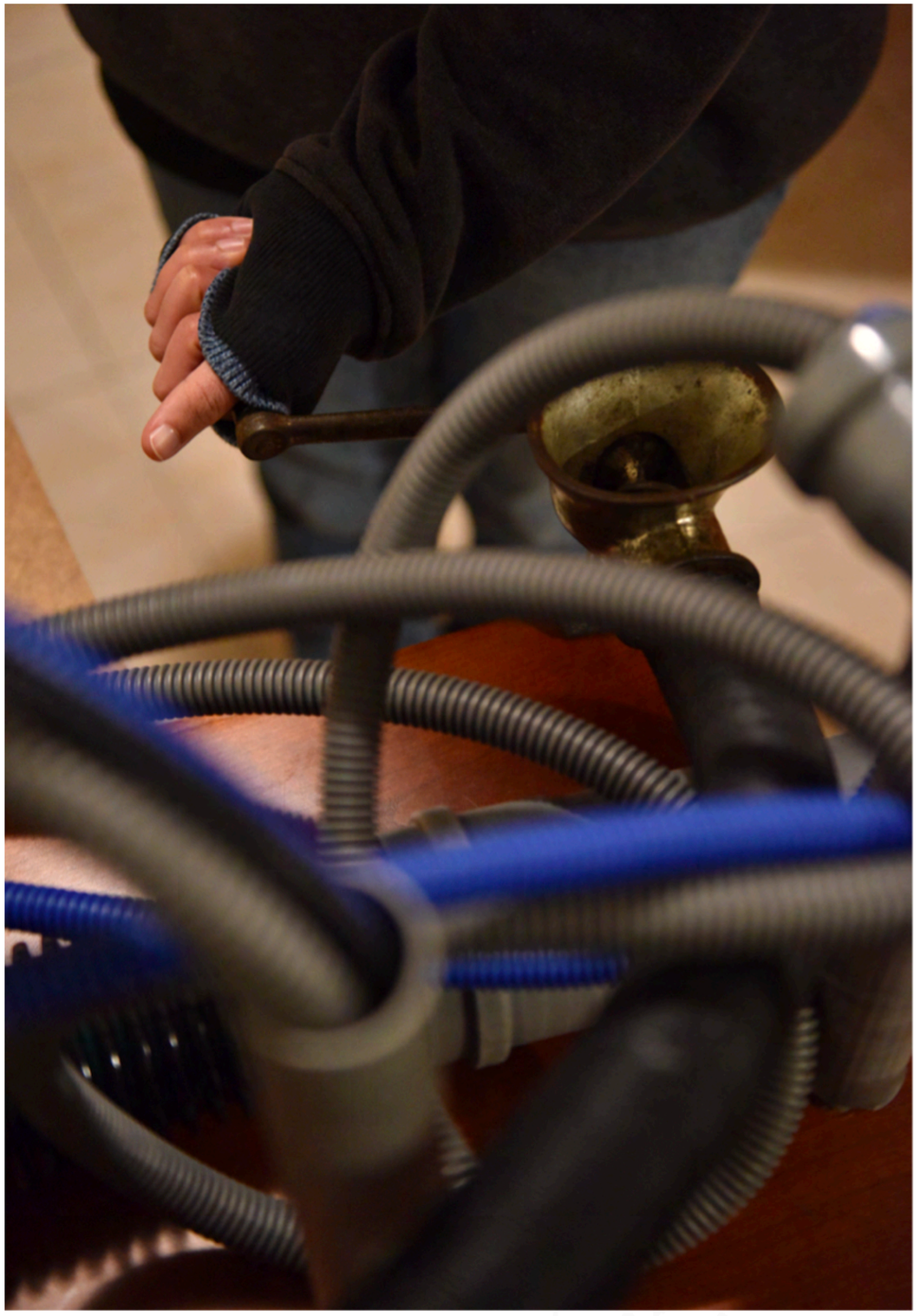


Detalhe: peça *Moedores*



Detalhe: peça *Moedores*



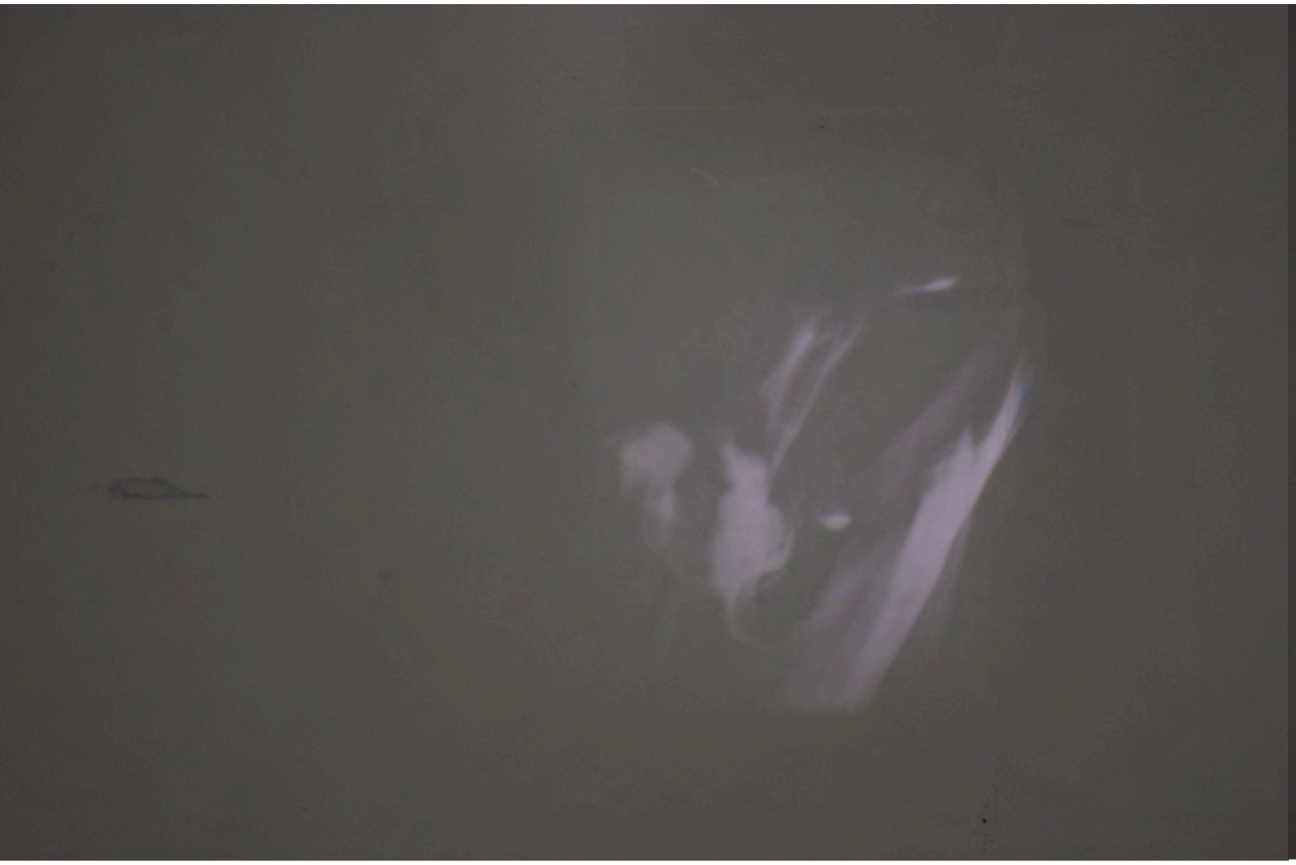


Detalhe: Operação da peça *Moedores*



Exposição: PontoDeContacto
Galeria Cozinha.

Moedores.
Técnica mista
Dimensões variáveis





Projeções: peça *Moedores*.
Exposição: PontoDeContacto
Galeria Cozinha.

Os vazios de lá

Histórias esquecidas:
Barreiras da memória.

As práticas de desaparecimento são bastante conhecidas dos sul-americanos desde o início da invasão do território, um imenso continente sem "dono" e "leis" propiciou a implementação de múltiplos métodos de ocultação e apagamento, físico e epistêmico. Com o passar do tempo, as técnicas do fazer desaparecer foram evoluindo e modificando-se, sendo implementadas pelo Estado como nos casos dos desaparecimentos políticos das ditaduras latino-americanas. O autor Jonnefer Barbosa (2020) explica que essas técnicas atualmente são impostas pela sociedade do desaparecimento, diz ele:

> "Produzir desaparecimentos não é apenas aniquilar vidas humanas, mas gerir o apagamento de seus rastros. Sociedades do desaparecimento designam, simultaneamente, rede de múltiplas modalidades de poder e diagrama expressivo do novo padrão governamental em tempos de capitalismo cibernético-financeiro neocolonial." (p. 2)

O fazer desaparecer é estratégia política de controle dentro das sociedades. As ações que fazem emergir fragmentos sedimentados em nossa história são formas de resistência, na incessante luta por saber quem somos, um processo de reconstrução. Os vazios são os silêncios de um doloroso interrogatório que fazemos a nós mesmos. O espaço vazio é o tempo de reflexão sobre quem nos permitiram ser ao controlar nossos caminhos e escolhas. Para se entender as relações entre os diferentes grupos e indivíduos na sociedade brasileira precisamos investigar os silêncios que a estrutura insiste em manter.

Sobre o contexto brasileiro em relação a políticas de silenciamento e apagamento, iniciei o estudo sobre a história e memória de grupos não dominantes, procurando elucidar como se priorizava algumas narrativas em detrimento de outras. Entende-se que a história é construída e contada através do ponto de vista de grupos dominantes, passando por filtros e censuras, atendendo interesses bem definidos. Batalhas são disputadas na tentativa de organização do tempo passado. A cultura brasileira do silêncio forçado provoca espaços vazios na história do país, amplificando assim o risco de se reviver as mesmas tragédias. O autor Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007) em seu texto "Um leque que respira: Michel Foucault e a questão do objeto em história" coloca que não existe um objeto histórico que não seja também um objeto da política. As escolhas que se realizam entre narrativas e personagens atendem questões de nosso tempo presente, diz ele:

> Nada nos chega do passado que não seja convocado por uma estratégia, armado por uma tática, visando atender alguma demanda de nosso próprio tempo. O fato histórico é sempre sangue coagulado que volta a escorrer impulsionado por algum sonho, ferida que se faz no presente pela descoberta da violência lancinante que o separou do passado, brasa que volta a queimar após ser reavivada pelo gesto que remove as cinzas que a haviam apaziguado. (p. 154)

Entre as distintas versões dos acontecimentos passados observa-se uma hierarquia entre as memórias, Michel Pollak (1989) em seu texto "Memória, esquecimento, silêncio" chama atenção para as diferenças entre a memória oficial (dominante) e memórias subalternas. Algumas lembranças não podem ser ditas, são proibidas e silenciadas por estar em discordância da memória oficial nacional, como refere:

> Essa memória "proibida" e, portanto, "clandestina" ocupa toda a cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação, o cinema e a pintura, comprovando, caso seja necessário, o fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido e de um Estado que pretende a dominação hegemônica. (p. 5)

As reflexões a respeito de questões políticas que operam sobre a história e a memória de grupos subalternizados, se fazem necessárias para entendermos as técnicas de apagamentos e ocultações. No Brasil evita-se lembrar do passado trágico fazendo com que não se perceba seus efeitos no presente. Pouco se fala na grande mídia sobre a história dos povos indígenas ou das lutas de resistência do povo negro. Raras são as instituições públicas que se propõe a abordar estas temáticas, contribuindo para cultura do silêncio sobre a nossa própria história. Analisando o caso brasileiro, temos exemplos claros destas políticas que colaboram com o processo de esquecimento. Johann Michel (2010) cita a antropóloga Francine Saillant (2007). Saillant (2007).

> O Estado brasileiro erigiu pouquíssimos monumentos e museus públicos relativos à escravidão. À exceção do busto erigido no Rio de Janeiro em memória de Zumbi, símbolo da resistência expressa no Quilombo de Palmares, e de alguns museus especificamente dedicados a realidade afro-brasileira, é preciso constatar, infelizmente, o silêncio institucional sobre a escravidão no espaço público. (p. 20)



Experimentação – acetato interferido, jornal, óticas sobre painel de led.

Falar sobre a realidade histórica do país é uma forma de perceber as nuances desta estrutura invisível. O processo de entendimento e ressignificação do passado é fundamental para se perceber a realidade presente. O passado está em constante transformação, modificando-se continuamente. Ao ser reinterpretado, analisado sob novas possibilidades teóricas, estudado de outros pontos de vista, o passado é recriado ganhando novos contornos, sendo reinventado a todo momento. Jô Gondar (2008) escreve sobre a capacidade de reinvenção do passado:

> [...]abre-se a possibilidade de que a memória, ao invés de ser recuperada ou resgatada, possa ser criada e recriada, a partir dos novos sentidos que a todo tempo se produzem tanto para os sujeitos individuais quanto para os coletivos – já que todos eles são sujeitos sociais. A polissemia da memória, que poderia ser seu ponto falho, é justamente a sua riqueza. (p. 5)

A história e a memória possuem a função de criar unidade de grupo, agindo no sentido de construção de identificação coletiva e identidade individual. As políticas da memória e do esquecimento trabalham no sentido de atender determinados interesses, os quais optam por preservar algumas memórias e ocultar outras. A seleção de memórias impostas a uma dada sociedade passa por uma série de filtros. Posto isso, devemos estar atentos para as tentativas de provocar esquecimento pelos discursos oficiais, como refere Johann Michel (2010):

> Aqui não se trata como no caso precedente, de fazer como se os acontecimentos, um determinado período ou os abusos não tivessem existido, mas sim usar os instrumentos públicos para comandar o esquecimento, para retomar a expressão de Paul Ricoeur. É certo que no comando do esquecimento, paradoxalmente, ocorre o reconhecimento de que algo ocorreu. Mas em razão de supostas ameaças de que esse passado possa interferir no processo de coesão nacional do presente, as autoridades públicas reivindicam solenemente que esse passado não seja recordado. (p. 20-21)

O mesmo autor reflete ainda sobre as distintas formas de se produzir esquecimento. O esquecimento-destruição é um exemplo disso, como explica:

> O esquecimento-destruição vincula-se a categoria mais violenta de esquecimento, a mais radical e não objetiva à reconciliação nacional. Essa forma instituída de esquecimento é utilizada no sentido de construir uma memória oficial hegemônica em detrimento de memórias coletivas concorrentes que são o objeto de uma ação sistemática de aniquilação (destruição de documentos públicos, autos de fé, etc...). Através dessas ações objetiva-se fragmentar ou até mesmo eliminar a identidade coletiva (em sua reprodução física, social e simbólica). A técnica do esquecimento-destruição se encontra sobretudo nas ações de extermínio étnico ou genocídios (o que Primo Levi denomina "Reich milenar" contra a memória). (p. 23)

A constante construção do passado pelas novas possibilidades de leitura e entendimento, fazem com que saibamos mais sobre nós enquanto indivíduos e grupos sociais. A reconstrução coletiva se faz necessária, como referiu Jô Gondar (2008): *"A polissemia da memória, que poderia ser seu ponto falho, é justamente a sua riqueza."* (p. 5)

A artista chilena Voluspa Jarpa, a qual trabalhou sobre os documentos desclassificados da CIA, propõe esta questão além de muitas outras. Os arquivos desclassificados possuem conteúdos bastante distintos, com informações sobre uma série de países latino-americanos como o Chile, Brasil, Argentina e Uruguai. Jarpa expõe em entrevista que se deparou com informações que colocam em dúvida o suicídio de Salvador Allende e que levantam suspeitas sobre a morte do poeta Pablo Neruda, o qual pode ter sido envenenado. As mesmas interrogações são colocadas na história do Brasil, relativamente aos casos dos presidentes João Goulart e Juscelino Kubitschek, e do jornalista e político Carlos Lacerda, os quais morreram num período de 6 meses de diferença entre os anos de 1976 e 1977, facilitando a manutenção e imposição do regime militar brasileiro. Deste modo o governo norte-americano influenciou as direções políticas latino-americanas através da morte de líderes políticos e sociais. A necessidade de manter-se o controle sobre os países latino-americanos, reprimindo o crescimento de lideranças políticas de esquerda, resultaram na *Operação Condor*. O plano elaborado durante a guerra fria apoiou a implementação de ditaduras em uma série de países, atuando com vigilância, monitoramento, práticas de detenção e tortura, influenciando em desaparecimentos e assassinatos de pessoas contrárias as suas políticas e ideologias.

Com interesse nos recursos naturais sul-americanos, as ações norte-americanas definiram um novo rumo para a história destes países, através da influência política e desestabilização econômica. Deste modo, pode-se concluir que as histórias destas sociedades foram manipuladas em virtude de interesses externos. A criação de um novo contexto político provoca mudanças na sociedade. Jô Gondar (2008) em seu artigo, *Memória Individual, memória coletiva, memória social*, reúne pensamentos de diversos teóricos sobre o tema e discute sobre as influências do meio social nos indivíduos. Para ele: O meio social penetraria antecipadamente o indivíduo, determinando seus modos de pensar, agir e querer. O autor apoia-se nas colocações de Febvre (1938), o qual reflete: *"O indivíduo é sempre o que permitem que ele seja, tanto sua época quanto seu meio social"*. (p. 3) Desta forma, milhares de pessoas tiveram suas vidas interferidas, subjetividades condicionadas, hábitos alterados.

Como produzir esquecimentos? As estratégias de apagar o passado.

A memória e a história têm fundamental importância para a construção da identidade individual e coletiva dos indivíduos. O conjunto de ações necessárias para a gestão da memória é denominada Políticas da memória. A ocultação de fragmentos históricos faz com que possamos refletir sobre a política do esquecimento, sendo está o conjunto de ações que objetivam o não recordar de fatos específicos. O autor Johann Michel (2010) discute em seu artigo "Podemos falar de uma política do esquecimento?", as estratégias e motivações para o poder público implementar essas ações.

> As formas ativas de esquecimento mobilizadas pelos poderes públicos podem estar vinculadas a instrumentos próprios às políticas de reunificação nacional. A dissimulação deliberada dos acontecimentos ou

> ações passadas julgadas humilhantes para a identidade coletiva e o poder político, se apresenta igualmente como uma prática corrente nas políticas de unificação nacional. São tão verdadeiros os rituais comemorativos quanto as narrativas oficiais da memória coletiva do local ao nacional, e as técnicas de esquecimento são muito mais empregadas pelas autoridades legitimas quando se trata de silenciar as perturbações advindas de problemas passados, para não reanimar o círculo infernal da vingança. Em nome da reconciliação da nação com ela própria, em nome da refundação de um viver junto, em nome da concórdia civil, o esquecimento pode ocupar um lugar de vazio narrativo nos discursos oficiais (narrativas comemorativas, abordagens nos programas escolares oficiais de História e nos Manuais de ensino, etc..). (p. 18-19)

Negar períodos históricos trágicos e não reconhecer erros do passado faz com que se corra o risco de que possam se repetir no futuro. Os objetos históricos são também objetos da política, organizado por motivos bem definidos, estrategicamente colocados visando atender interesses dos nossos tempos. De acordo com Albuquerque Júnior (2007), *"Os contornos que damos ao passado, as regiões deste que iluminamos, os sujeitos que apanhamos entre poeira e fazemos novamente se encenarem, as tramas que pensamos ouvir nos desvãos dos arquivos, atendem a problemas e embates de nosso próprio tempo, em que estão mergulhadas nossas próprias vidas."* (p. 153-154)

A política opera sobre o esconder, o silenciar, o suprimir, trabalha através da palavra filtrando o que deve ser mostrado, rasurando o que a população não pode saber, as narrativas selecionadas são editadas e preparadas para o consumo dos indivíduos. Se faz política escondendo palavras, histórias e corpos.

A verdade e mentira estão constantemente sendo revisadas conduzindo a história por novos caminhos. Alguns espaços deixados no passado são preenchidos, a névoa dá lugar para novos entendimentos. O trabalho de Jarpa colabora para se repensar o passado, sendo este um espaço de reconstrução localizado dentro de um novo contexto. O autor Durval de Albuquerque Júnior (2007) reflete sobre estas questões em seu texto "Um leque que respira: Michel Foucault e a questão do objeto em história" onde coloca:

> Devemos desconfiar, pois, dos objetos definidos para o saber histórico. Devemos perceber que estes foram transformados em objeto num dado momento, numa dada configuração de forças e saberes e é desta que eles falam. Mais do que explicarmos os fatos, interpretá-los, devemos seguir suas linhas de constituição, o rendilhado de lutas, experiências e falas que deram origem ao seu desenho, atentos para os silêncios que são incontornáveis, mas são também elementos de sua tecitura. (p. 153)

Formas de um antigo território: Reconstrução de uma lembrança.

Durante o processo de experimentação iniciei a construção de um painel de lentes a partir de objetivas recicladas, as quais foram desmontadas e adaptadas em um cartão. Cada objetiva possui uma distância focal distinta e confere à imagem distorções e degradações devido às características físicas e seu estado de conservação. Para a realização do trabalho foram captadas imagens de projeções de vídeo, sendo utilizado o painel como um filtro posto entre a câmera digital e a projeção.

As diferentes formas de mediar as imagens estabelece relação com as diferentes maneiras de se lembrar de um mesmo fato. Colocando a questão de que memória e imagem são constantemente manipuladas e apresentadas de forma parcial.

Estando o passado em formato de memória, fragmentado, distorcido pelo tempo, lembrado de forma imprecisa e atravessado por diversas camadas, seria possível sua reconstrução/re-experiência?

Penso que um vídeo em formato de mosaico seria uma tentativa interessante para se tentar reconstruir o passado. Imagens capturadas a partir de um mesmo vídeo, realizadas através de diferentes óticas e variados pontos de vista, trataria a questão das distintas formas do "lembrar". Na impossibilidade de se "re-experenciar" o passado, o conjunto das memórias, mesmo atravessadas pelas inconstâncias do lembrar, deverá ser o melhor representante de um fato. O coletivo de vozes deverá delinear o passado de forma mais precisa, sendo o passado o conjunto de lembranças de todos aqueles que o viveram. Temos que construir um mosaico para

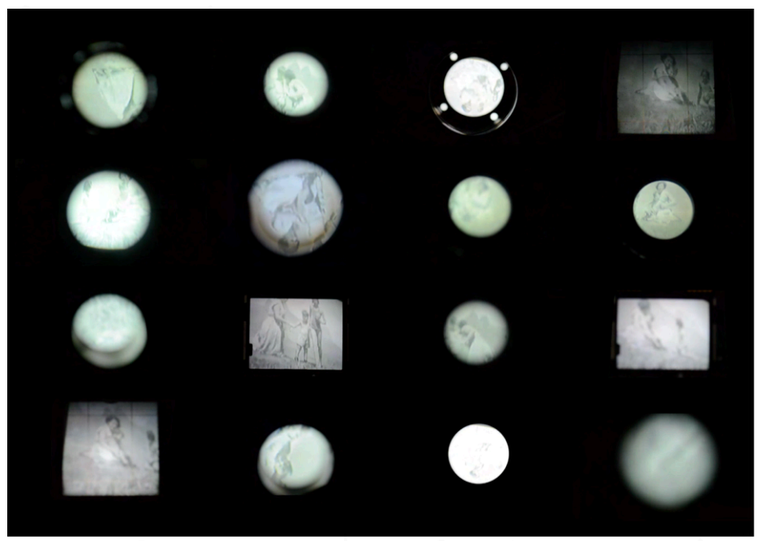
viajar no tempo, reconstruir as paisagens que já não existem, mas que ainda habitam o imaginário.

Além das filmagens realizadas através do painel de lentes experimentou-se gravar as projeções com a utilização de câmeras fotográficas analógicas, para isso utilizou-se uma Zenza Bronica ETRSi e uma Yashica Mat 124G. Os novos dispositivos/filtros deram para as imagens outros formatos, retangular e quadrado, fazendo ligação conceitual com a proposta do mosaico, de múltiplas visões sobre um mesmo vídeo, o mesmo passado lembrado de diferentes formas.

Dei início a uma série de filmagens de projeções com utilização do painel de óticas recicladas. As imagens utilizadas foram apropriadas de filmagens realizadas no Brasil, na década de 50/60/70, período que antecedeu a ditadura militar e durante a sua vigência no país. Durante os últimos anos, o atual presidente insiste em relembrar este trágico período com grande saudosismo. Lembrança que ecoa de forma positiva na memória de uma elite repulsiva. Os militares que geriam o país provocaram com suas políticas centenas de mortos e desaparecimentos, ocultaram parte da história que ainda hoje se tenta elucidar.

O vídeo selecionado para as gravações traz imagens do Brasil na década de 50, realizadas nas cidades do Rio de Janeiro e Brasília. O país vivia um período de grandes transformações, alterações no consumo e na infraestrutura urbana. A população começa a ter novos hábitos, em virtude de políticas de desenvolvimento, dos chamados “anos dourados”. O governo de Juscelino Kubitschek conferia um espírito otimista para a sociedade brasileira, com seu plano de metas de desenvolvimento, planejava o crescimento acelerado do país com seu famoso programa de governo: 50 anos em 5. A década de 50 precedeu tempos sombrios de ditadura militar no país, a qual iniciou nos anos 60. O vídeo escolhido mostra cenas cotidianas de uma família que passeia calmamente pelo Rio de Janeiro. A aparente tranquilidade das cenas remete a um tempo de otimismo e serenidade. Uma memória de uma família inserida em um contexto social de progresso econômico. Lembrança de um tempo passado, antes dos anos de ditadura que estariam por vir.

A primeira montagem de vídeo foi realizada com 16 pontos de filmagem através de dispositivos óticos. O filme teve duração de 2 minutos, os quais registravam aproximadamente o mesmo instante do vídeo projetado.



Primeira montagem – Gravação de projeção através de dispositivos óticos.

Tempos de ditadura, memória e esquecimento.



Mosaico a partir de fotografias de mortos e desaparecidos durante o período de ditadura militar no Brasil. Fotografia de fundo – Jair Bolsonaro discursando. Bolsonaro defendeu torturadores durante sua trajetória política. Tradição de um país construído sobre pilares do abuso e do silenciamento.

Durante mais um golpe político... Eco de um Brasil sempre igual.

“Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff (…), o meu voto é sim” (Bolsonaro, 2016)

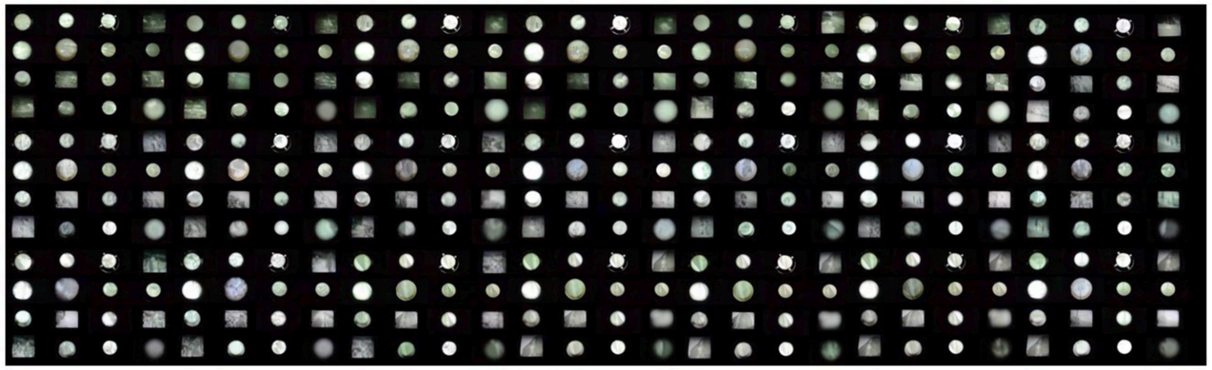
“Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff (…), o meu voto é sim” (Bolsonaro, 2016)

“Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff (…), o meu voto é sim” (Bolsonaro, 2016)

“Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff (…), o meu voto é sim” (Bolsonaro, 2016)

Carlos Alberto Brilhante Ustra, foi um torturador brasileiro do período de ditadura militar.

Após a primeira montagem, surgiu a ideia de ampliar os pontos de visualização. Realizou-se uma montagem com 336 pontos de visualização, contando com 28 pontos na horizontal e 12 pontos na vertical. O vídeo ficou visualmente mais complexo pelo grande número de informações que podem ser vistas ao mesmo tempo. A versão final possui 1 minuto de duração sendo apresentada em loop.



Frame de vídeo - Vídeo montagem final

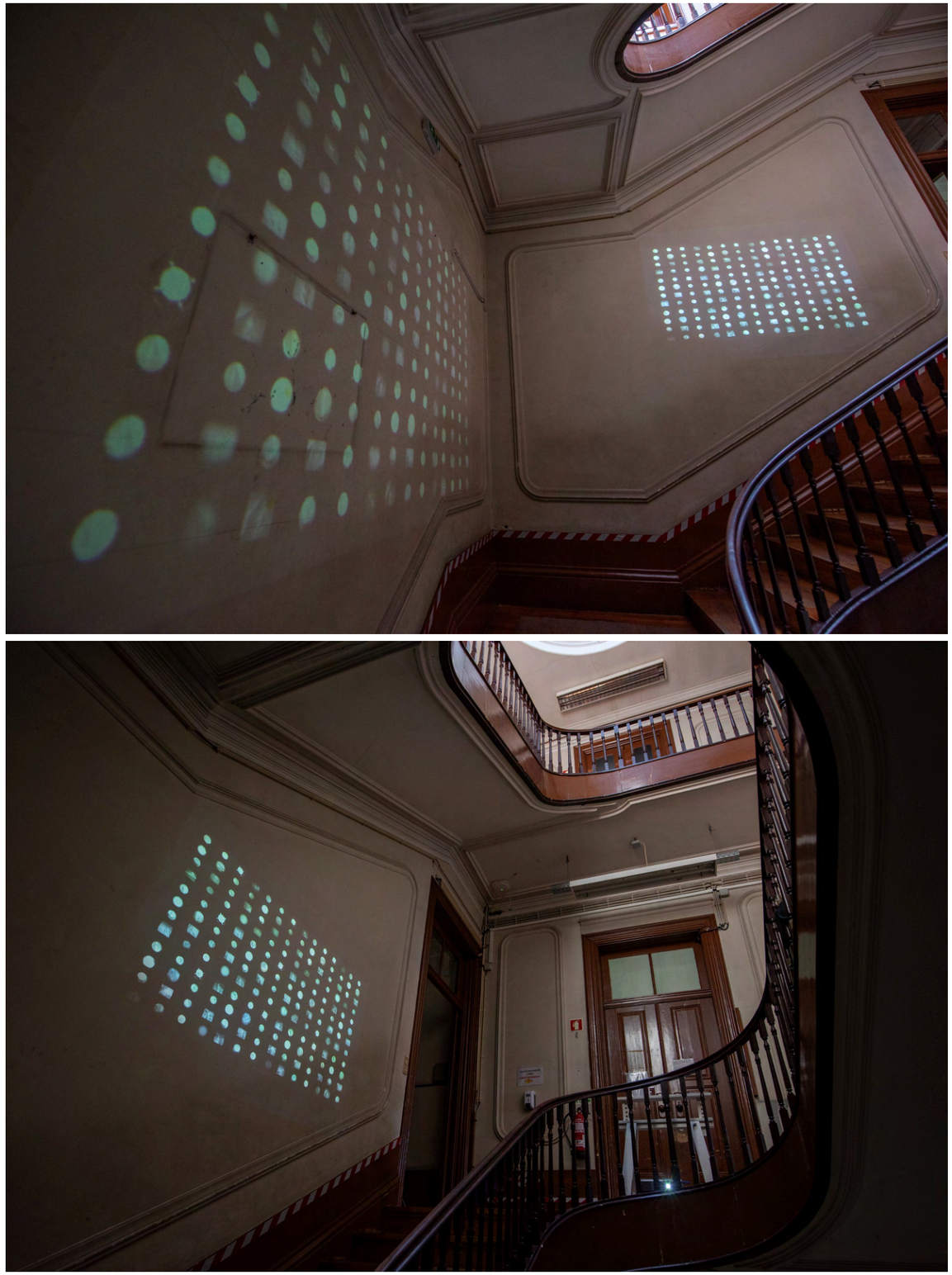
Polissemia

O trabalho questiona a memória individual e coletiva, como um eco de vozes que lembram de um tempo que foi. As lembranças são conturbadas, embaçadas, desorganizadas, subjetivas, com uma série de interferências sobre a objetividade dos fatos. Cada voz decide contar de um modo, todos imprecisos, porém reverberam o mesmo acontecimento. Jô Gondar (2008): *"A polissemia da memória, [...] é justamente a sua riqueza."* (p. 5) Eco de vozes, uma tentativa de se recordar. Existirá um modo objetivo de contato com o passado? Todos os olhares sobre o mesmo vídeo, todos diferentes nas suas histórias. As políticas do esquecimento filtram os fatos e apenas uma narrativa será aceita. Quais são os interesses em se criar "uma verdade"? Um olhar vale mais que outro? A história possui distintas versões, múltiplos significados e interpretações sobre o mesmo objeto, o passado. Polissemia.

Para a instalação da peça Polissemia, foi utilizado o espaço da escada do prédio da Boa Hora. Com o primeiro teste, observou-se que a grande dimensão do vídeo prejudicava a leitura das informações. Decidi então que o vídeo seria dividido em duas partes e projetado em paredes diferentes.

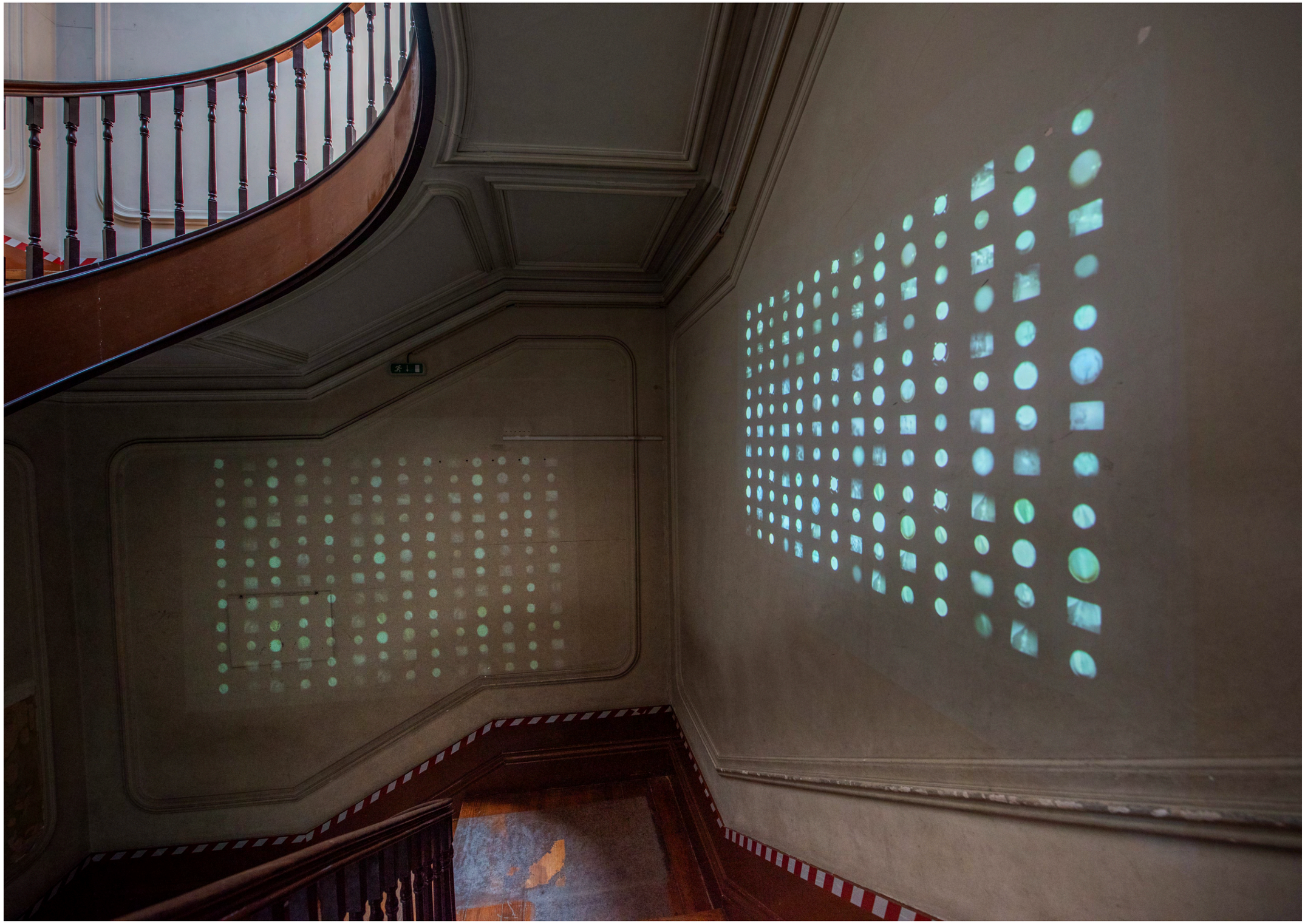


Fotografia – Instalação da peça *Polissemia*. FBAUP, prédio da Boa Hora.





Fotografias – Instalação da peça *Polissemia*. FBAUP, prédio da Boa Hora.



Polissemia
Projeção de vídeo
Dimensões variáveis
https://felipeargiles.myportfolio.com/polissemia

Liberdade teórica

Histórias esquecidas:
A casa de máquinas.

No projeto de construção do Brasil o trabalho sempre foi um local de contradições e abusos. Da necessidade de exploração da nova terra, surge o interesse na mão-de-obra das populações nativas, pois os mesmos possuíam conhecimento e capacidade para a sobrevivência no território. Durante os primeiros anos, no período denominado como pré-colonial, os portugueses utilizavam da força de trabalho indígena para a extração do pau-brasil. Os nativos eram responsáveis pelo corte e transporte das árvores, os pagamentos inicialmente eram realizados através de troca de mercadorias, como objetos e armas. Para aumentar os lucros os indígenas começaram a ser escravizados e forçados a dar continuidade ao trabalho de extração da madeira.

Durante o período de implementação e expansão da colônia europeia, diversos ciclos econômicos foram desenvolvidos, como o ciclo do açúcar, ouro e café, a exploração do trabalho escravo esteve intimamente ligada a história da construção do país. O povo brasileiro formou-se pelos sobreviventes destes períodos históricos, em atos de resistência e persistência à decorrida situação. Ribeiro (1994), reflete sobre a formação da nação brasileira:

> O povo-nação não surge no Brasil da evolução de formas anteriores de sociabilidade, em que grupos humanos se estruturam em classes opostas, mas se conjugam para atender às suas necessidades de sobrevivência e progresso. Surge, isto sim, da concentração de uma força de trabalho

> escrava, recrutada para servir a propósitos mercantis alheios a ela, através de processos tão violentos de ordenação e repressão que constituíram, de fato, um continuado genocídio e um etnocídio implacável. (p. 23)

O término do trabalho escravo no Brasil ocorreu por um processo gradual ao longo do século XIX, coexistindo trabalhadores negros livres com trabalhadores negros escravizados, até à proibição da escravidão em 1888. As elites brasileiras, mesmo antes da abolição definitiva da escravidão, já entendiam que seria necessário repensar as formas e meios de manter seus privilégios garantidos, além de vislumbrar um projeto de desenvolvimento e construção para a nação. A elite do Brasil, quando se iniciou o processo de industrialização, tinha entre suas pautas a continuidade dos privilégios de classe, a manutenção dos poderes políticos, além da preocupação com a composição étnica do povo. Posto isso, uma série de políticas de incentivo a imigração foram estabelecidas, com o intuito de atrair mão-de-obra branca para o país, também se acreditava que no final do século a população brasileira estaria embranquecida, pela sequência de cruzamentos entre pessoas negras e brancas (Costa Silva, 2013). Estas políticas e pensamentos emergiram com a ocorrência do racismo científico, o qual alimentava a crença de que o Brasil não iria se desenvolver e prosperar se a sua população fosse composta por pessoas negras.

Nestes tempos das políticas de branqueamento e facilidade de imigração no Brasil, foi necessário a ressignificação do trabalho e do trabalhador, já que se associavam às pessoas negras e ao trabalho escravo. Costa Silva destaca: *"O trabalho que durante quase quatro séculos de escravidão foi percebido como a mais vil das atividades, inscrita no corpo do mais indigno dos trabalhadores (o trabalhador negro escravizado) precisava mudar de sentido."* (2013, p. 94) O autor coloca também que em virtude da relação entre trabalho escravo e trabalhador negro, eram atribuídas aos negros características de falta de conhecimento técnico, indisciplina e ausência de espírito de poupança. Costa Silva fala sobre uma subjetividade caracterizadora em relação o trabalhador negro, sendo estas: "[...] intrínseca, imutável, algo próprio ao elemento negro pelo simples fato de ser negro." (2013, p. 94)

No início do século XX temos um Brasil que se forma sob a sombra dos preconceitos étnicos, entendia-se que só seria possível o desenvolvimento com um povo de pele branca. Essa diferenciação entre brancos e não brancos está na base das relações sociais do Brasil, onde características discriminatórias são sempre aplicadas a pessoas que não sejam brancas, destituindo-os da possibilidade de qualquer contributo positivo na construção da sociedade. Deste modo o estado não desenvolveu políticas públicas voltadas para a população não brancas, esperava-se que em pouco tempo, com a continuidade das políticas de branqueamento, a população se tornasse totalmente embranquecida. A imigração europeia, aliado ao grande preconceito racial, fez com que as populações não brancas ocupassem os trabalhos menos valorizados, contribuindo para a marginalização social e manutenção do ciclo exploratório. Este mecanismo de hierarquização racial, determinante de índole, competência, habilidade, disciplina, permanece vivo na estrutura brasileira, sendo o mercado de trabalho um reflexo do racismo silencioso e operativo.

O Banco Internacional de Desenvolvimento (BID) publica em 2021 o estudo "Raça e Gênero nas Grandes empresas. Um perfil da força de trabalho do Brasil", onde pesquisa sobre o mercado de trabalho e suas abissais desigualdades. O Brasil é atualmente uma das dez maiores economias do mundo e ao mesmo tempo um local de extrema pobreza. Segundo

estudo são 12 milhões de brasileiros que vivem em favelas em situação de vulnerabilidade econômica, porém destaca que no campo e nas pequenas cidades as disparidades são também mantidas. Esta desigualdade que tem sua origem no passado escravagista, permanece pelas condições e funcionamento do mercado de trabalho, local de relações informais, trabalhos sazonais e subempregos, resultando assim na desproteção do trabalhador em relação aos direitos.

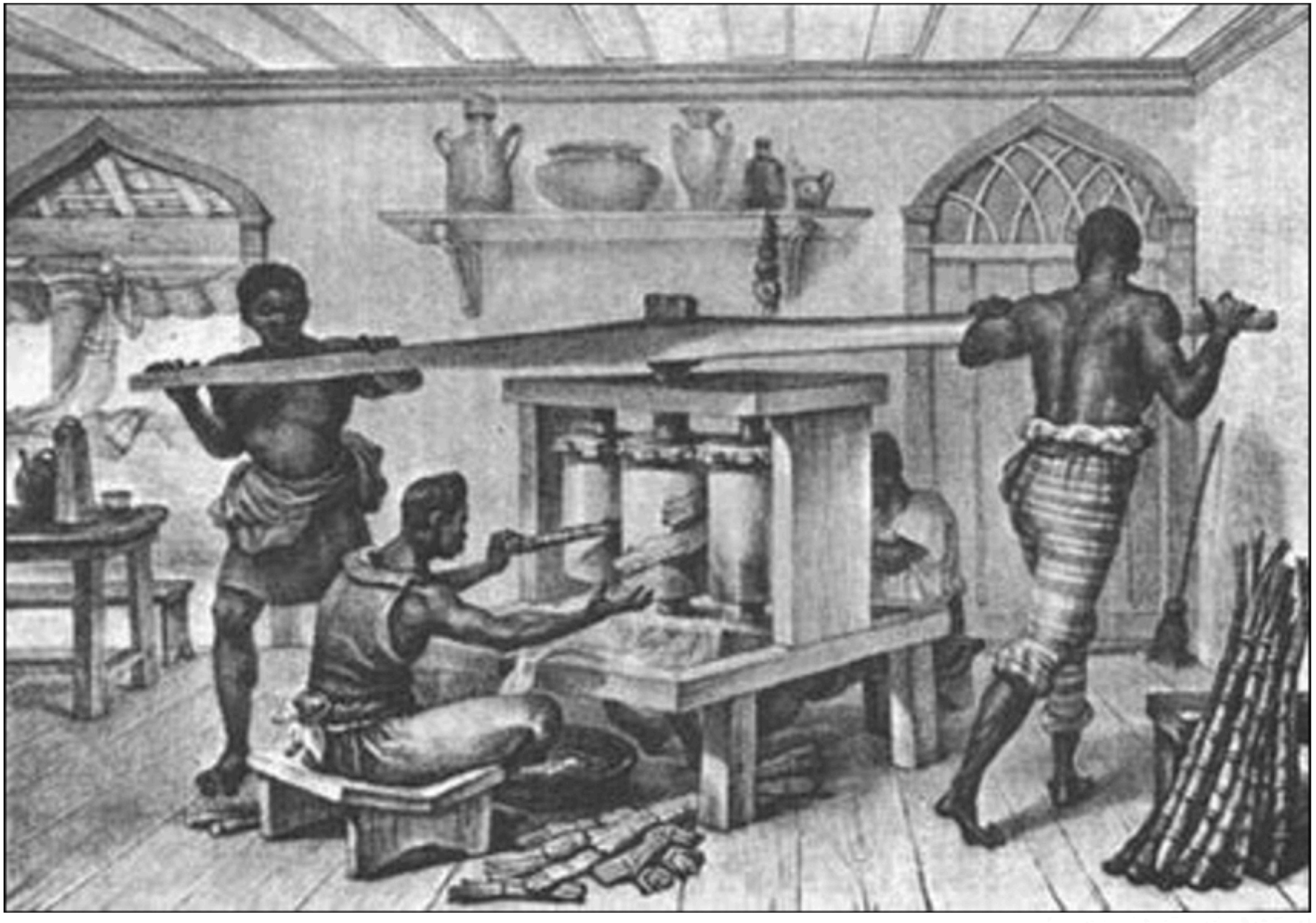
> De acordo com os dados da Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílios (PNAD) Contínua, o Brasil possuía, em 2019, 89,4 milhões de pessoas que se consideram brancas (43%), 98,1 milhões que se consideram pardas (47%) e 19,8 milhões que se declaram pretas (9,5%). Pretos e pardos, em conjunto, compõem a população afrodescendente ou negra do país, que é maioria (57%). Essa maioria, contudo, não se distribui igualitariamente nos espaços de relevância e de tomada de decisão na vida social e econômica do país. A população negra encontra-se sistematicamente em minoria entre os grupos de maior renda e nas posições de prestígio das empresas privadas e na esfera pública. (2021, p.12)

A área da construção civil é composta maioritariamente por trabalhadores pardos e negros, os cargos mais baixos deste setor são ocupados por pessoas com baixa escolaridade. Os mecanismos instalados no país continuam em operação, conduzindo grupos subalternizados da sociedade aos trabalhos primários e com menor remuneração. Quem de fato constrói a estrutura do Brasil são os mesmos grupos raciais de sempre. Contribuindo para a reflexão a respeito do trabalho, trago a música "*O Drama da Humana Manada*" da banda El Efecto:

O Drama da Humana Manada

É logo cedo quando o medo vem pra me lembrar
Que é dia de trabalho!
Nó na garganta o galo canta e lá vou eu dançar
Atrás de quê?
Salário!
Eu penso na fuga mas logo me afogo outra vez
Nesse meu calvário!
Levanta, sacode a carcaça que a dança não pode parar!
Dando corda nessa estúpida engrenagem
(Trabalha!) Que espreme e esgota
A força que te põe de pé
(Trabalha!) Aniquilando o que é humano
O que é coragem
O que há de errado? O que será? O que que é?
Toda fachada esconde a mesma humilhação
(Trabalha!) Terra arrasada onde se arrasta a multidão
Vem que tá na hora, não enrola, não demora
Para não ficar de fora da fila do sacrifício
O trem vai rumo ao precipício (atenção: portas se fechando)
Estamos no vagão, somos a carga
Amarga tristeza de boi
Ruminando aquilo que era
Pra ter sido e não foi
Reféns da mesma trama
O drama da humana manada (A vida é isso camarada?)
Começa como dádiva
Mas logo vira dívida
Se sobrevive a dúvida
Algo segue te dizendo que você valia mais
Valia mais, valia mais, valia mais valia
Mas veja só que ironia!
Ter a pressa de chegar onde não se queria

Sempre pra lá e pra cá maldito dia a dia
O espírito no fosso, a fossa
Eita vida de cão essa nossa!
Malandro é o cavalo marinho que se finge de peixe
Pra não ter que puxar carroça
Não, não, não! Pera lá
Trabalha, espera
Porque quem trabalha prospera e
Quem espera sempre alcança
Não desespera, depois da tempestade
Vem sempre a bonança
Trabalha, espera e confia
Pois a tua estrela ainda vai brilhar um dia!
Um brinde à meritocracia!
E o banquete quem serve?
Palacete quem ergue?
De quem o sangue ferve? Ferve!
Caraca moleque!
Segura aí que é hora de pisar no breque!
Despedaçado, parcelado vai teu coração
Que é uma ferida aberta!
Se debatendo alucinado exposto num balcão
Entre a demanda e a oferta!
Quem dá mais? Tanto faz, guerra é paz
Liberdade é escravidão
E o trabalho liberta!
Sem trauma, entrega tua alma com calma na palma da mão do patrão
Dando corda nessa estúpida engrenagem
(Trabalho!) Que espreme e esgota
A força que te põe de pé
(Trabalho!) Aniquilando o que é humano
O que é coragem
Há algo errado e você sabe o que que é!
Te corroendo por dentro essa frustração
(Trabalho!) O teu demônio patrimônio do patrão
(Trabalho!) Toda fachada esconde a mesma humilhação
Terra arrasada onde se arrasta a multidão!
E lá vou eu!
(Trabalho!) Até morrer!
(Trabalho!) Sente a vida escorrer pela palma da mão
(Trabalho!) Já que não há remédio
(Trabalho!) Já que não há remédio
(Trabalho!) Ódio, nojo, tédio
Terra arrasada!
Caminha por entre fantasmas, com blocos de pedras nos ombros
Ossadas de escravos, escombros, escombros
São séculos
Ciclos na insana espiral e o peso nas costas permanece igual!
Eis que, diante de ti, ergue-se a monstruosa pirâmide
Contempla, contempla errante animal
Bem-vindo ao deserto do real!
Até quando suportar?
Sustentar essa grande mentira
Pois é, a verdade é indigesta
Quem sustenta essa festa é o suor da tua testa
Até quando suportar?
Sustentar essa grande mentira
Pois é, de tudo que eu faço
Não me sobra pedaço e ainda sigo no compasso
Você merece
Você merece mais
Haja coragem!
O fogo, ele agoniza mas não morre
Aja!
Coragem!
Se a chama se organiza o que é que ocorre?
Reaja!
Coragem!
O fogo, ele agoniza mas não morre não
Não morre não
Haja coragem!



Escravos na moenda. Debret, 1835.

Formas de um antigo território: Paisagens intransponíveis.

Na constituição de 1937 temos pela primeira vez escrito sobre o direito à liberdade em território nacional. Segue parte do texto:

CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, DE 10 DE NOVEMBRO DE 1937

Art. 122 - A Constituição assegura aos brasileiros e estrangeiros residentes no País o direito à liberdade, à segurança individual e à propriedade, nos termos seguintes:

1º) todos são iguais perante a lei;

2º) todos os brasileiros gozam do direito de livre circulação em todo o território nacional, podendo fixar-se em qualquer dos seus pontos, aí adquirir imóveis e exercer livremente a sua atividade;

(...)

8º) a liberdade de escolha de profissão ou do gênero de trabalho, indústria ou comércio, observadas as condições de capacidade e as restrições impostas pelo bem público nos termos da lei;

Durante o período da segunda guerra mundial e nos tempos de ditadura militar (estado de exceção) os direitos dos cidadãos foram suprimidos, como exemplos podemos citar o fim do direito do voto, o qual suprimia a liberdade de pensamento e o toque de recolher, o que influenciava diretamente a liberdade de locomoção. No ano 1988 foi promulgada a constituição que vigora atualmente. Podemos observar que uma grande parcela da população nunca

desfrutou plenamente dos seus direitos, estando apenas assegurados na teoria. As mesmas pessoas que edificaram o Brasil não podem usufruir da liberdade garantida na teoria. Uma classe de operários nasce condenada ao seu destino de carregar as pedras, onde os construtores estão limitados pela própria estrutura, participando forçadamente de um ciclo centenário. Como acertadamente alguns pensadores elaboram: no Brasil o estado de exceção é a norma para uma parcela da população.

Este trabalho partiu do pensamento, relativo as pessoas que constroem a estrutura e posteriormente são excluídos dela. Podemos caracterizar como uma dinâmica histórica do Brasil, a utilização e manipulação de um grupo social para o trabalho de edificação do país e a negação da liberdade de acesso ao próprio território que foi construído. Os escravizados eram responsáveis por edificar e tornar operativo o sistema dentro colônia, porém eram limitados no uso e em suas possibilidades dentro dos seus próprios território. Atualmente, a restrição de acesso ao território é marcada pela discriminação racial, podemos caracterizar esta dinâmica com as barreiras de vigilância do estado, que persegue e abate sistematicamente específicos grupos sociais. São variadas as justificativas para o impedimento de livre circulação, fica a cargo da polícia a responsabilidade por limitar os acessos de grupos estigmatizados. Em entrevista para a Folha de São Paulo, a historiadora Vera Malaguti (2004) entende que a estética da escravidão foi herdada pela sociedade contemporânea que vive uma *"paranóia da segurança"*. *"Se antes a fantasia era o quilombo, hoje o medo é da periferia e do morro", analisa. "As elites têm medo, mas é a população da periferia e da favela que vive o terror e a barbárie no dia-a-dia."* Os abusos policiais são recorrentes e injustificáveis e tem alvos pré-determinados.

> Fiz um estudo de tipologia de processos de adolescentes envolvidos em atos infracionais relativos a drogas e separei todos em que se falava de atitude suspeita. Jovens negros e pobres apareciam detidos em "atitude suspeita" nas pedras do Arpoador, num táxi no Flamengo, jogando bola na praia. Ou seja, tudo aquilo que não é atitude suspeita vira atitude suspeita por uma questão histórica ontológica. O sujeito é suspeito por si mesmo. Por ser negro e pobre. (Malaguti, 2004)

Malaguti procura entender a origem da "atitude suspeita", em seu livro *"Difíceis ganhos fáceis"* a historiadora coloca que estas ações estão ligadas ao passado colonial e seguem aplicadas como forma de controle sobre a circulação.

> "O artifício da atitude suspeita está ligado ao que Sidney Chalhoub chamou de 'estratégia de suspeita generalizada' utilizada para controlar as populações negras recém-libertadas no final do século XIX. No final do século XX essa estratégia permanece arraigada na cultura e nos procedimentos policiais como forma de manter segmentos sociais bem definidos sob controle e circulação pela cidade. A atitude desconfiada carrega um forte conteúdo de seletividade e estigmatização." (2003 p.104)

Marionetes, Dádivas e Dívidas

A instalação é composta por duas partes principais, a estrutura criada com linhas e pedras e o vídeo projetado. As 400 linhas estão conectadas as pedras que se distribuem aleatoriamente pelo espaço da galeria. As 400 pedras de tamanhos diversos, que resultam estimadamente em mais de uma tonelada, foram retiradas de obras civis em atividade na cidade do Porto. Após a fixação das linhas no teto da galeria, as pedras foram remanejadas para que as linhas pudessem se cruzar, criando na sala um emaranhado de fios vermelhos. Este sistema cria um espaço inacessível no centro da sala, sendo possível a observação ao entorno da instalação.

Foi instalado um vídeo projetor em um dos lados da sala, criando em uma das paredes um desenho de sombras, as quais eram produzidas pelas imagens que atravessavam os fios entrecruzados. O vídeo era composto por imagens de uma performance e trechos totalmente brancos, as quais tinham o intuito de apenas produzir as sombras das linhas. Os observadores quando colocados entre a peça e a parede tinham suas sombras integradas na projeção, como podemos observar nas fotografias que seguem.

A performance foi realizada no terreno de uma obra, onde foram amarradas dezenas de pedras ao meu corpo. O vídeo mostra a tentativa de arrastar todas as pedras de uma única vez, o corpo vai sendo marcado pelas linhas conforme o esforço é realizado. Detalhes do corpo e da obra são também mostrados, são explorados contrastes de texturas entre pele e pedras. A performance é vista com alguma confusão, pois as imagens aparecem com tempos muito curtos, retornando para a projeção das imagens brancas.

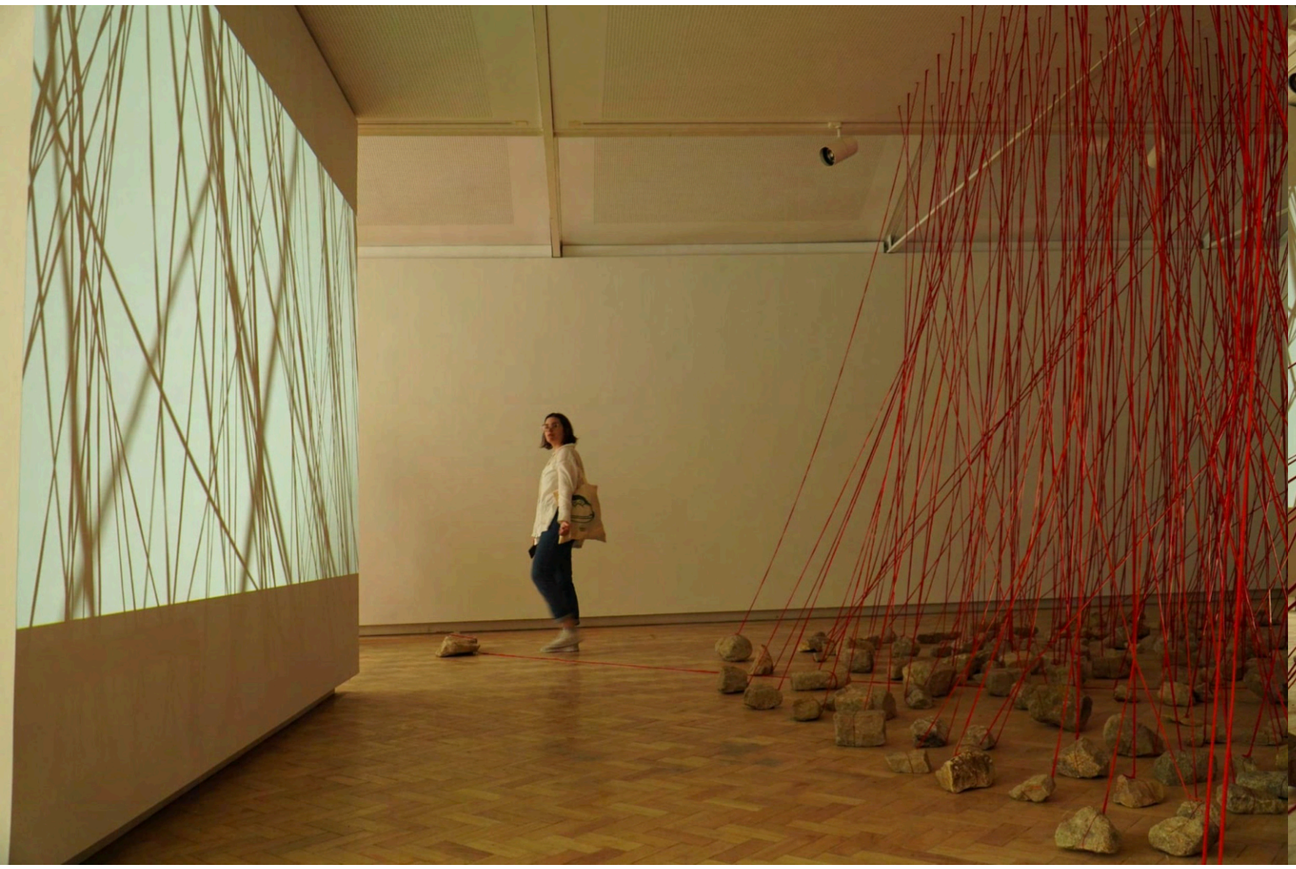
A instalação foi realizada com o intuito de integrar o espectador no trabalho, utilizando a silhueta projetada na parede. Inserir o público na obra faz com que se questione o local de cada indivíduo dentro das dinâmicas trabalhadas. O público é ativo no projeto, os espectadores são integrados de modo complementar as projeções, relacionando-se com questões sobre a utilização dos corpos e a liberdade individual.

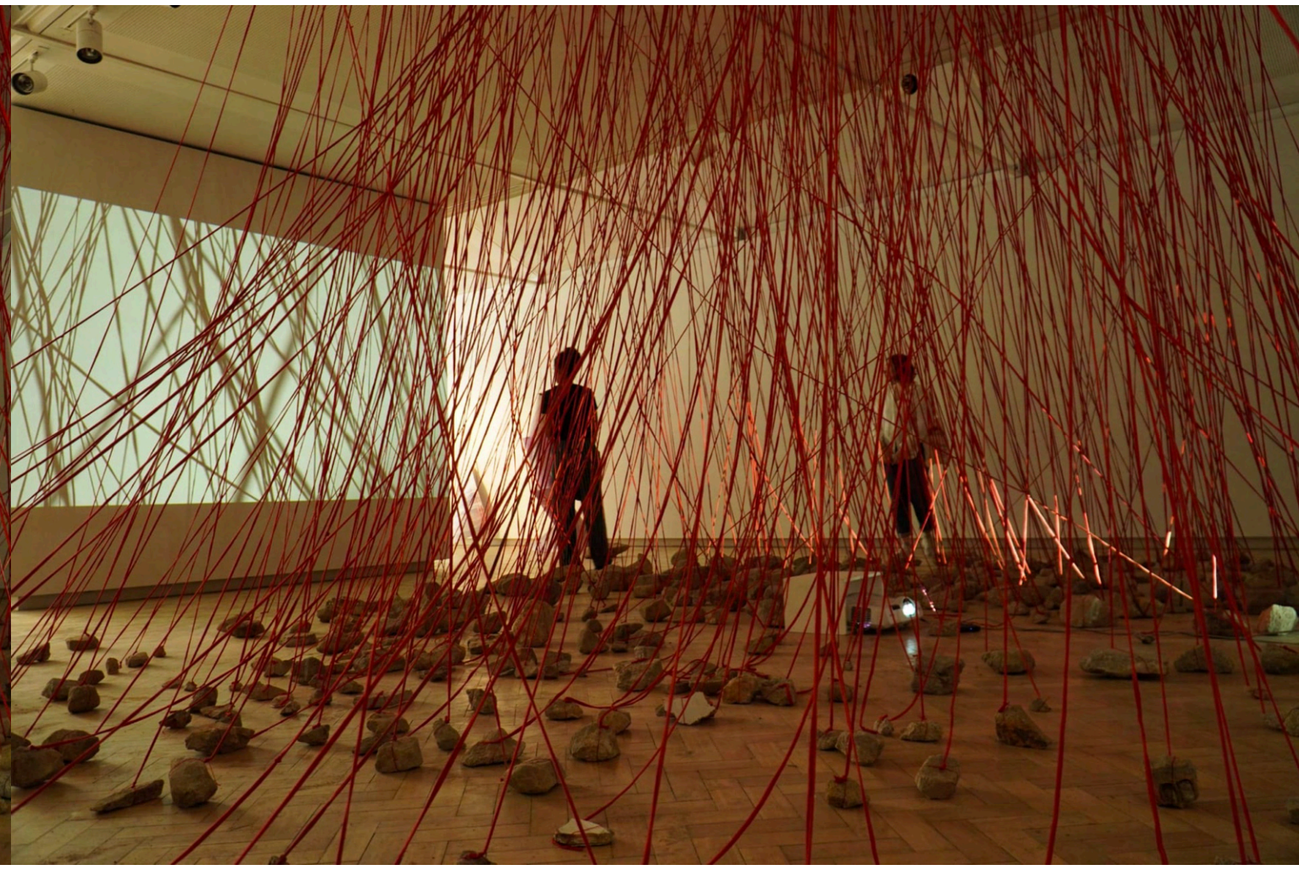




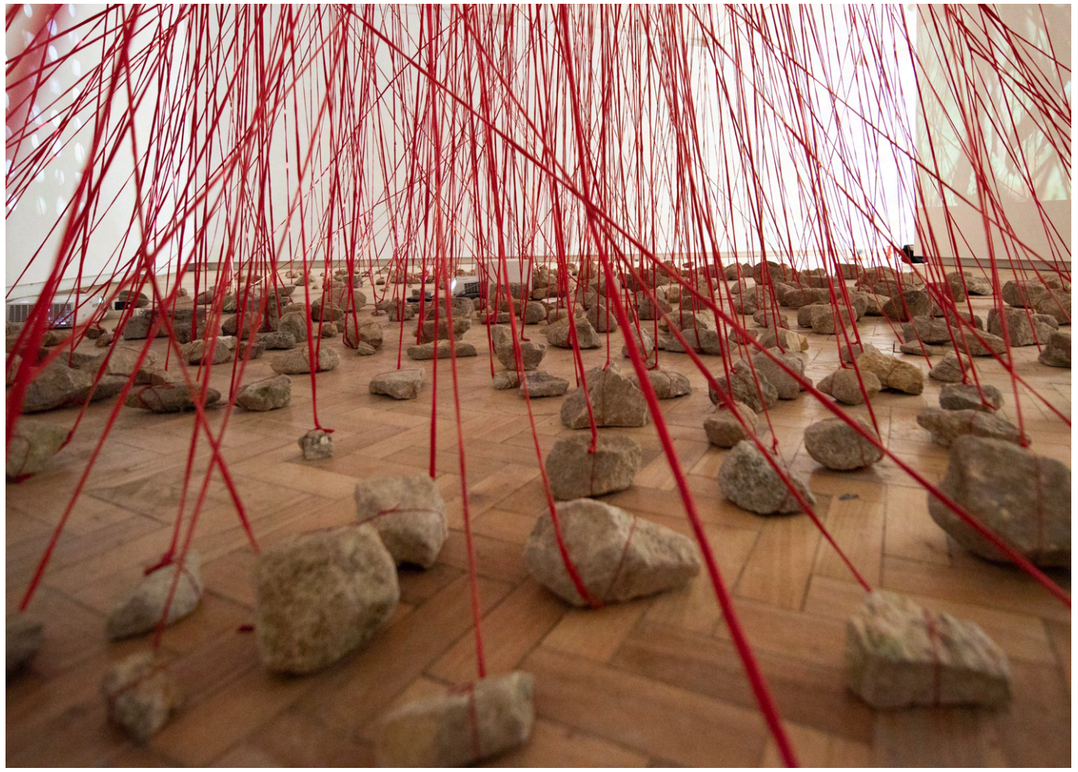


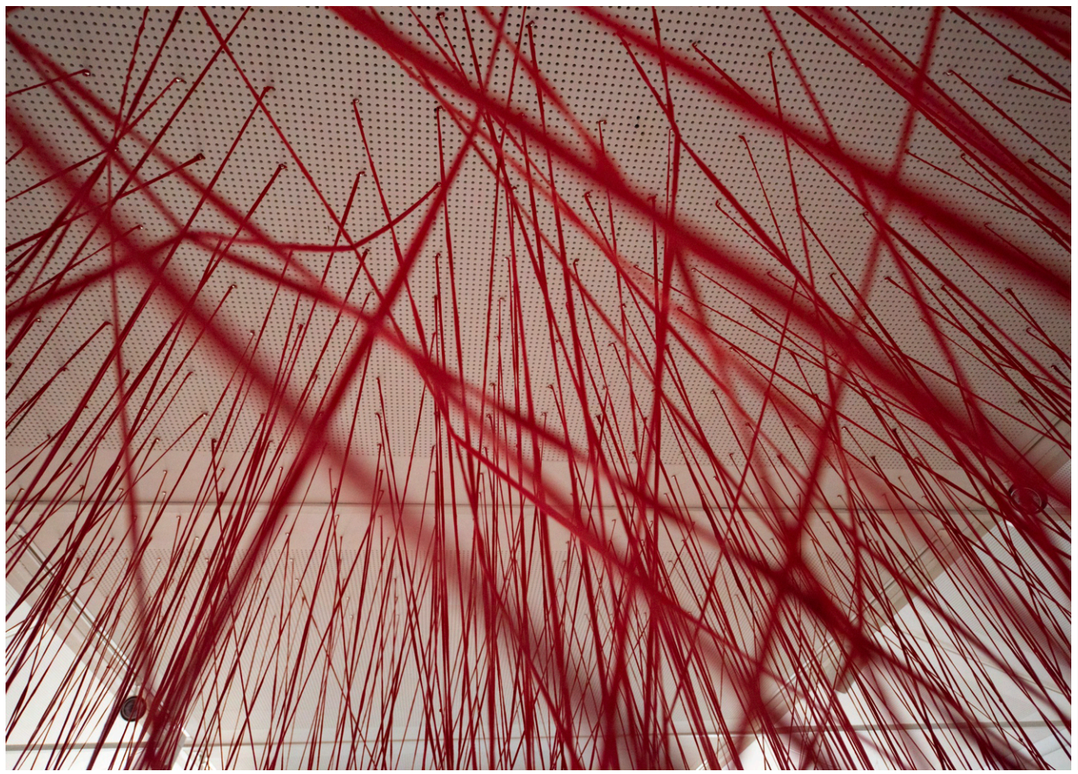
Detalhes: Interações do público com a instalação
Exposição: Ruído





Detalhes: Interações do público com a instalação
Exposição: Ruído

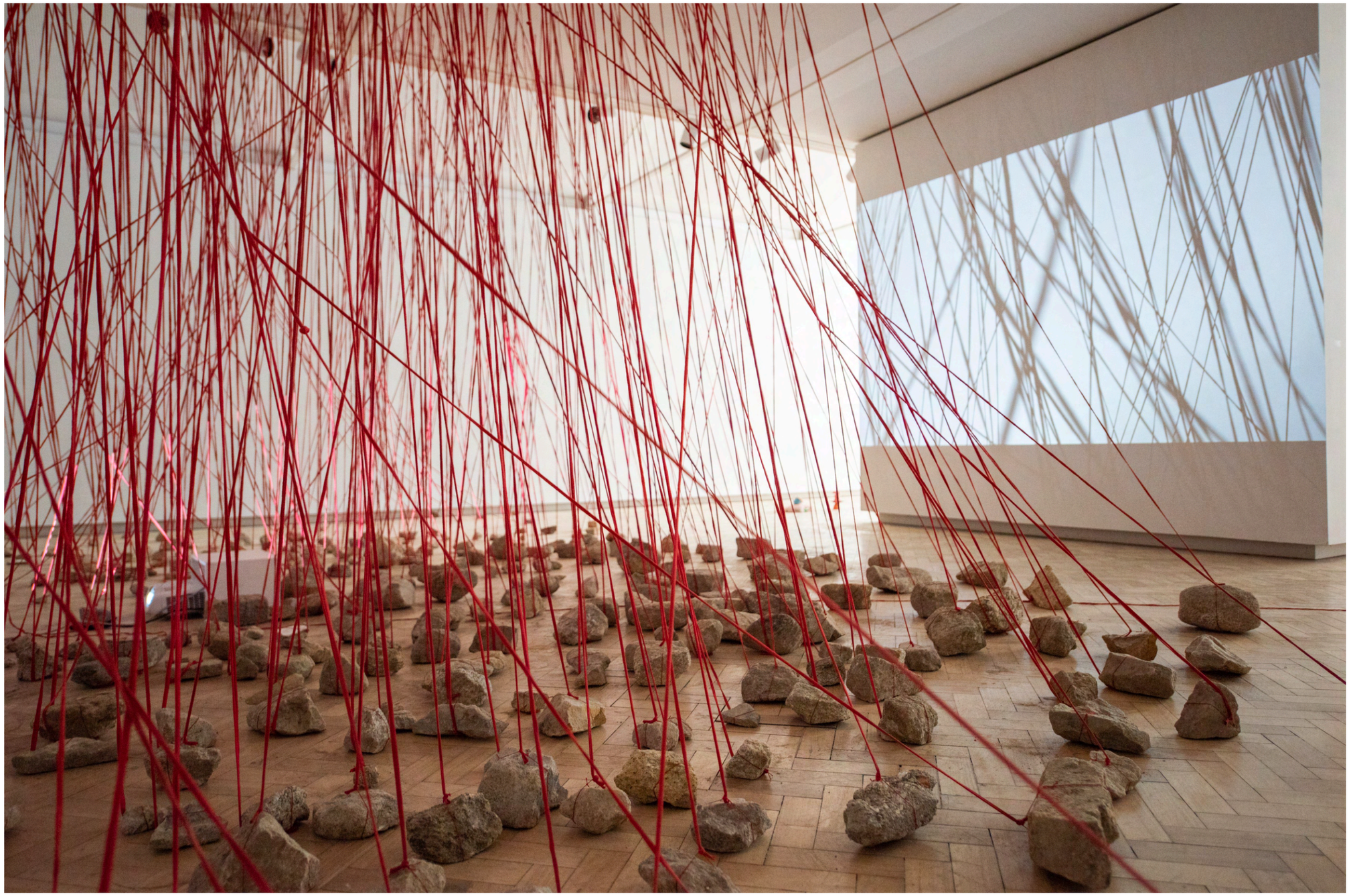






Detalhes: pedras e linhas
Exposição: Ruído





Marionetes, dádivas e dívidas
Técnica mista
Dimensões variáveis

Bibliografia

Agamben, G. (2008). Notas sobre o gesto. Artefilosofia, v(4), p.9-14. Ouro Preto.

Agamben, G. (2009). O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos.

Albuquerque Junior, D. (2007). História: a Arte de Inventar o Passado, ensaios de teoria da história. Bauru: EDUSC, 2007.

Ansara, Soraia. (2012). Políticas de memória X políticas do esquecimento: possibilidades de desconstrução da matriz colonial. Revista Psicologia Política, 12(24), 297-311.

Araújo, M & Santos. M. (2007). História, memória e esquecimento: Implicações políticas. Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 79 URL: http://journals.openedition.org/rccs/728; DOI: https://doi.org/10.4000/rccs.728

Barbosa. J (2020). Politicas de desaparecimento e niilismo de estado. n-1 edições. Disponível em: https://www.n-1edicoes.org/textos/57

Brasil (1937). Constituição dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm

Butler, J. (2018). Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CASTRO, E. (2004). Vocabulário de Foucault: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Centro Nacional de Memoria Histórica. (2015, outubro 27). "Archivos para la Paz – Voluspa Jarpa", Voluspa Jarpa [vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=BNNrdprrdWw

Costa Silva, R. (2013). História dos trabalhadores negros no Brasil e desigualdade racial. Universitas JUS, v. 24, n. 3, p. 93-107. Brasília

Droit, R. (2006). Michel Foucault, Entrevistas. Rio de Janeiro: Graal.

Dungue. C. (2012). Rede isotópica em Amarelo Manga de Cláudio Assis. Cadernos de Semiótica Aplicada Vol. 10.n.2.

El Efecto. (2018). O Drama da Humana Manada. On Memórias do fogo. Rio de Janeiro: Estúdios Toca do Bandido e MK Estúdio & Estúdio Fazendinha.

Esposito, R. (2016). As pessoas e as coisas. São Paulo: Rafael Zamperetti Copetti.

Febvre, L. (1953) Combats pour l'histoire. In: Gondar, J. (2008). Memória individual, memória coletiva, memoria social. Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares Em Memória Social, 7(13). Recuperado de http://www.seer.unirio.br/morpheus/article/view/4815

Flusser. V. (1994). Los Gestos – Fenomenología Y Comunicación.. Barcelona: Editorial Herder.

Flusser. V. (2014). Gestos. São Paulo: Annablume.

Freitas, L. (2020). Desumanização, Reconhecimento e Resistência Na América Latina e Caribe: Uma Articulação Entre a Teoria Da Precariedade De Judith Butler e o Feminismo Decolonial De María Lugones. Caruarú: Revista Debates Insubmissos, Ano 3, v.3, nº 11, set./dez. 2020. ISSN: 2595-2803.

Gondar, J. (2008). Memória individual, memória coletiva, memoria social. Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares Em Memória Social, 7(13). Recuperado de http://www.seer.unirio.br/morpheus/article/view/4815

Johann, M. (2010). Podemos falar de uma política do esquecimento? Revista Memória em Rede, Pelotas, v.2, n.3, ago.-nov. 2010 – ISSN- 2177-4129

Kornis, M. (2020). O Brasil de JK > Sociedade e cultura nos anos 1950. Fundação Getúlio Vargas. URL: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Anos1950

Lauro, R. (2017). Deleuze – Sociedade de Controle. Razão Inadequada. Disponível em: https://razaoinadequada.com/2017/06/11/deleuze-sociedade-de-controle/.

Malaguti, V (2003). Difíceis ganhos fáceis. Rio de Janeiro: Editora Revan.

Malaguti, V (2004). Medo avaliza abuso policial e gera "elite exterminadora". Folha de São Paulo. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2302200444.htm

Mbembe, A. (2016). Necropolítica. Arte & Ensaios. Rio de Janeiro: PPGAV, EBA, UFRJ, n.32, dezembro.

Oliveira, C & Morrison, J. (2021). Raça e Gênero nas Grandes Empresas. Banco Internacional de Desenvolvimento (BID), Notas Técnicas Nº IDB-TN-2318

Oliveira, J. (2014). Igreja, golpes e ditaduras no Brasil. Acervo Racismo Ambiental. Disponível em: https://acervo.racismoambiental.net.br/2014/04/02/igrejas-golpes-e-ditaduras-no-brasil/

Pelbart, P. (2002). Poder sobre a vida, potência da vida. Revista Lugar comum. n. 17, pp. 33-43.

Pelbart, P. (2008). Morte e Vida em Contexto de Dominação Biopolítica. IEA - USP. São Paulo.

Pollak, M. (1987). Memória, esquecimento, silêncio. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: vol. 2, n. 3, 1989.

Ribeiro, D. (1995). O povo brasileiro a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras.

Ribeiro, D. (2019). Pequeno manual antirracista. São Paulo, SP: Companhia Das Letras.

Safatle. V. (2020). Bem vindo ao estado suicidário. n-1 edições. Disponível em: https://www.n-1edicoes.org/textos/23

Safatle. V. (2020). Para além da necropolítica. n-1 edições. Disponível em: https://www.n-1edicoes.org/textos/191

Seligmann-Silva, M. (2010). Estética e política, memória e esquecimento: novos desafios na era do Mal de Arquivo. Remate De Males, 29(2), 271–281. https://doi.org/10.20396/remate.v29i2.8636279
Silva, D. (s.d). Abolição da escravatura. Retrieved from https://brasilescola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-abolicao- escravatura.htm

Silva, P. da. (2014). Dispositivo: um conceito, uma estratégia. Profanações, 1(2), 144-158. https://doi.org/10.24302/prof.v1i2.681.

Simondon, G (2018) Do modo de existência dos objetos técnicos: introdução. Laboreal [Online], Volume 14 Nº1, posto online no dia 01 julho 2018, consultado o 23 setembro 2020. URL: http://journals.openedition.org/laboreal/546; DOI: https://doi.org/10.4000/laboreal.546

Sousa Santos, B. (2007). Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 78 | 2007, publicado a 01 outubro 2012, URL: http://journals.openedition.org/rccs/753; DOI: https://doi.org/10.4000/rccs.753

Sousa Santos, B. (2018). Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia esencial: Volume II: Para um pensamento alternativo de alternativas - 1a ed. Buenos Aires: CLACSO.

Tchernichévcki. N. (2017). O que fazer? Lisboa: Guerra e Paz Editores, S.A.

Theidon, K. (2004). Entre prójimos: el conflicto armado interno y la política de la reconciliación en el Perú. Lima: Instituto de Estudios Peruanos.

Veloso, C & Gil, G. (1993) Haiti.on Tropicália 2. Rio de Janeiro & Salvador: Philips Records.

Weil, S. (1957) La persona e il sacro. In: Esposito, R. (2016). As pessoas e as coisas. São Paulo: Rafael Zamperetti Copetti.